



Luísa Micaela Barbosa de Sousa

# Arquitetura do século XX em Coimbra: um percurso

Projeto de Mestrado em Arte e Património, orientado pela Prof.<sup>a</sup> Doutora Joana Brites, apresentado ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2018



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

# Arquitetura do século XX em Coimbra: um percurso

## Ficha Técnica:

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Trabalho de Projeto</b>
<b>Título</b>	<b>Arquitetura do século XX em Coimbra: um percurso</b>
<b>Autor/a</b>	<b>Luísa Micaela Barbosa de Sousa</b>
<b>Orientador/a</b>	<b>Prof.<sup>a</sup> Doutora Joana Rita da Costa Brites</b>
<b>Júri</b>	<b>Presidente: Doutora Maria Luísa Pires do Rio Carmo Trindade</b>
	<b>Vogais:</b>
	<b>1. Doutor João Luís de Jesus Fernandes</b>
	<b>2. Doutora Joana Rita da Costa Brites</b>
<b>Identificação do Curso</b>	<b>2º Ciclo em Arte e Património</b>
<b>Área científica</b>	<b>História da Arte</b>
<b>Data da defesa</b>	<b>23-10-2018</b>
<b>Classificação</b>	<b>17 valores</b>



*Aos meus pais, e irmã*

# Índice

Tábua de siglas.....	5
Índice de imagens .....	6
Resumo .....	8
Agradecimentos .....	9
Introdução .....	10
I. Caracterização do Circuito Turístico de Coimbra .....	14
II. Rotas e Roteiros: conceptualização e preparação .....	27
III. A rota de arquitetura do século XX em Coimbra .....	37
<b>3.1. Seleção de edifícios: uma história através de 10 edifícios .....</b>	<b>37</b>
<b>3.2. Funcionamento e público(s) .....</b>	<b>56</b>
IV. Análise SWOT .....	61
Conclusão.....	69
Bibliografia .....	72
Webgrafia.....	76
Anexos .....	78

## **Tábua de siglas**

AAC - Associação Académica de Coimbra

CAOCGDCP – Comissão Administrativa das Obras da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência

CGD – Caixa Geral de Depósitos

CGDCP – Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência

CMC – Câmara Municipal de Coimbra

CTT – Correios, Telégrafo e Telefones

INE – Instituto Nacional de Estatística

## Índice de imagens

<i>Fig. 1 - Coreto Parque Dr. Manuel Braga (Coimbra). Manuel José da Costa Soares, 1904. (Fotografia de Autor).</i>	78
<i>Fig. 2 - Coreto Parque Dr. Manuel Braga (Coimbra). Manuel José da Costa Soares, 1904. (Fotografia de Autor).</i>	79
<i>Fig. 3 - Escola Primária de Santa Cruz (Coimbra). Arquiteto Adães Bermudes, 1910. (Fotografia de Autor).</i>	80
<i>Fig. 4 - Escola Primária de Santa Cruz (Coimbra). Arquiteto Adães Bermudes, 1910. (Fotografia de Autor).</i>	80
<i>Fig. 5 - Banco de Portugal (Coimbra). Arquiteto Adães Bermudes, 1912. (Fotografia de Autor).</i>	81
<i>Fig. 6 - Banco de Portugal (Coimbra). Arquiteto Adães Bermudes, 1912. (Fotografia de Autor).</i>	81
<i>Fig. 7 - Casa Dr. Ângelo da Fonseca (Coimbra). Arquiteto Raul Lino, 1928. (Fotografia de Autor).</i>	82
<i>Fig. 8 - Hotel Astória (Coimbra). Arquiteto Francisco Oliveira Ferreira, 1929. (Fotografia de Autor).</i>	83
<i>Fig. 9 - Hotel Astória (Coimbra). Arquiteto Francisco Oliveira Ferreira, 1929. (Fotografia de Autor).</i>	84
<i>Fig. 10 - Estação Nova, Coimbra – A (Coimbra). Arquitetos Cottinelli Telmo e Luís da Cunha, 1931. (Fotografia de Autor).</i>	84
<i>Fig. 11 - Estação Nova, Coimbra – A (Coimbra). Arquitetos Cottinelli Telmo e Luís da Cunha, 1931. (Fotografia de Autor).</i>	85
<i>Fig. 12 - Edifício dos Correios (Coimbra). Arquiteto Amílcar Pinto, 1939. (Fotografia de Autor).</i>	85
<i>Fig. 13 - Caixa Geral de Depósitos (Coimbra). Arquiteto Veloso Reis Camelo, 1954. (Fotografia de Autor).</i>	86
<i>Fig. 14 - Associação Académica de Coimbra (Coimbra). Arquiteto Alberto José Pessoa, 1962. (Fotografia de Autor).</i>	86
<i>Fig. 15 - Associação Académica de Coimbra (Coimbra). Arquiteto Alberto José Pessoa, 1962. (Fotografia de Autor).</i>	87
<i>Fig. 16 - Associação Académica de Coimbra (Coimbra). Arquiteto Alberto José Pessoa, 1962. (Fotografia de Autor).</i>	87

<i>Fig. 17 - Associação Académica de Coimbra (Coimbra). Arquiteto Alberto José Pessoa, 1962. (Fotografia de Autor).</i>	88
<i>Fig. 18 - Associação Académica de Coimbra (Coimbra). Arquiteto Alberto José Pessoa, 1962. (Fotografia de Autor).</i>	88
<i>Fig. 19 - Associação Académica de Coimbra (Coimbra). Arquiteto Alberto José Pessoa, 1962. (Fotografia de Autor).</i>	89
<i>Fig. 20 - Pavilhão de Portugal (Coimbra). Arquitetos Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto Moura, 2000. (Fotografia de Autor).</i>	89
<i>Fig. 21 - Pavilhão de Portugal (Coimbra). Arquitetos Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto Moura, 2000. (Fotografia de Autor).</i>	90
<i>Fig. 22 Mapa do percurso da Rota. (imagem do Google Maps.)</i>	91

## **Resumo**

A oferta turística da cidade de Coimbra está maioritariamente centrada na Universidade. A falta de divulgação dos espaços envolventes da Alta Universitária, bem como a inexistência de rotas que incentivem a descoberta da cidade de forma autónoma, tornam o turismo da região centro pouco dinâmico.

A proposta de uma rota focada na arquitetura do século XX em Coimbra permite o redescobrimto da cidade enquanto espaço ativo e vivo. Através de um itinerário que tem no mínimo 1h 30m é possível visualizar dez edifícios que transportam o turista numa viagem que percorre arquitetos e características da arquitetura do século XX. O presente projeto apresenta, assim, os dez imóveis selecionados, bem como o funcionamento e público(s) da rota proposta e uma análise SWOT da mesma.

**Palavras-chave:** Coimbra, Rota, Arquitetura, Século XX, Projeto

## **Abstrat**

The tourist offer of Coimbra city is mainly centered on the University. The lack of divulgation of the surrounding spaces of the High University, as well as the inexistence of routes that encourage the discovery of the city autonomously, make the tourism of the center region little dynamic.

The proposal for a route focused on XX century architecture in Coimbra allows the rediscovery of the city as an active and living space. Through an itinerary that has at least 1 hour and 30minutes, it is possible to see ten buildings that transport the tourist in a journey that traverses architects and characteristics of the architecture of the XX century. The present project features the ten selected buildings, as well as the operation and public of the proposed route and a SWOT analysis.

**Keywords:** Coimbra, Route, Architecture, XX Century, Project



## **Agradecimentos**

Gostaria de deixar registado o meu agradecimento às pessoas e instituições que contribuíram para a realização da presente obra. À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Doutora Joana Brites, por toda a disponibilidade ao longo deste percurso, bem como pelo auxílio e todos os conselhos que levaram à concretização deste projeto.

À Universidade de Coimbra, à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e todos os seus funcionários, bem como ao Instituto Nacional de Estatística em Coimbra pela disponibilidade e auxílio em toda a pesquisa bibliográfica.

Lembro ainda, o meu namorado Bruno Santos, e os amigos Francisca Ferreira, Joana Gabriel, Catarina Mateus, Rita Rigueiro, Adriana Barreiras, bem como todos os outros, pela compreensão e incentivo ao longo do último ano.

A última palavra de agradecimento vai para toda a família, em especial aos meus pais e à minha irmã por todo o apoio incondicional ao longo da minha formação académica, a quem dedico este projeto.

## Introdução

A cidade de Coimbra é essencialmente caracterizada pela sua Universidade, fundada em 1290 e implementada definitivamente em Coimbra em 1537. É na Alta Universitária que se retém o maior fluxo turístico da cidade, acabando o restante património da cidade por ficar largamente esquecido ou ignorado.

Neste projeto pretende-se criar e inovar para que a cidade possa ter uma maior diversidade de atividades e atrações turísticas. Foi então pensada a implementação de uma rota de arquitetura do século XX, de forma a percorrer livremente a cidade sem dia e hora marcados, visitando o exterior de vários edifícios. Visa-se promover o conhecimento da cidade desde o seu centro até aos espaços verdes e de lazer, e assim fugir ao “boom” turístico da Alta Universitária.

O principal motivo para a realização deste projeto foi a necessidade de construir de raiz um trajeto inovador e que ao mesmo tempo desse a conhecer outras áreas da cidade. Coimbra tem uma enorme lacuna no que se refere à oferta turística, uma vez que além da Universidade poucos são os espaços divulgados. Apesar de ser um projeto pensado para a visualização exterior dos edifícios, o mesmo pode trazer à cidade movimento e um crescimento turístico e económico significativo.

Esta rota visa implementar na cidade uma alternativa à visita da Universidade e ser inovadora na forma em que o turista a pode realizar. A rota aqui apresentada pretende oferecer ao turista uma nova dinâmica de visita. Foi pensada para que possa estar integrada na agenda cultural de Coimbra, mas também inovadora no sentido em que o turista pode ter acesso ao plano da rota e assim partir à descoberta da cidade individualmente, através do material que previamente lhe será fornecido, mapas e informação sobre os edifícios que constituem a rota, material este que tanto poderá ser disponibilizado em papel, e encontrado, por exemplo, no posto de turismo, como através de um download para um dispositivo móvel.

Apesar da cidade ser detentora de um elevado conjunto de património histórico e cultural que vai aumentando ao longo dos séculos, este não é dinamizado de forma a ser considerado uma matéria-prima de importante valor e que pode ser uma fonte de atração e rendimento turístico. Esta rota conduz o visitante numa viagem pela arquitetura do século XX que vai desde a Praça da República, local de passagem de grande parte dos

turistas, até ao Parque Verde, um espaço onde a natureza é palavra de ordem e que articula em si edifícios que passam despercebidos para muitos.

O projeto encontra-se dividido em quatro capítulos. No capítulo I é evidenciada a temática da caracterização do circuito turístico da cidade. Coimbra é apresentada como uma cidade polissémica, que se divide em várias cidades: “*cidade histórica, tradicional, universitária, dos estudantes, arquitetónica, do fado e do Mondego*”<sup>1</sup>. A divulgação da cidade é baseada na Universidade e na vida académica/ estudantil, acabando por ficar no esquecimento outras tradições da cidade, bem como os espaços verdes que a constituem. A Câmara Municipal de Coimbra retém na sua agenda cultural anual todas as atividades que estão programadas, das quais fazem parte visitas guiadas que mais uma vez se concentram na Alta Universitária e na parte da Baixa da cidade. Estas visitas guiadas apenas acontecem em datas previamente marcadas e sujeitas a marcação, ainda que sejam gratuitas. Neste capítulo é ainda feita referência à análise geral publicada no Boletim Mensal de Estatística no ano de 2017, onde se encontram os dados comprovativos do crescimento de dormidas na região centro. Foi ainda necessária a comparação entre três cidades, Coimbra, Aveiro e Esposende, expondo como se processa a procura de informação da oferta turística das mesmas e o grau de facilidade. Uma vez que se prepara uma rota de arquitetura do século XX é feita referência às cidades onde se podem encontrar rotas turísticas com esta temática: Ílhavo, Aveiro, Esposende, Vila Nova de Famalicão e Coimbra.

No capítulo II pretende-se definir conceitos já existentes na área do turismo, mas dos quais é necessário partir para mais tarde se proceder à criação da rota. Assim sendo, são apresentados a partir da análise de vários autores, conceitos como património cultural, turismo cultural, rota e roteiro. São ainda evidenciadas as quatro fases fundamentais para a construção de uma rota turística: a preparação, a elaboração, o teste e análise, e a implementação.

O capítulo III é composto pelo principal objeto de estudo deste projeto, a rota de arquitetura do século XX em Coimbra. É então realizada uma introdução sobre a arquitetura europeia entre os finais do século XIX e os inícios do século XX, e em que realidade se encontrava a arquitetura portuguesa nesta altura. Os dez edifícios que constituem a rota são assim abordados por ordem cronológica. Esta apresentação e contextualização por ordem cronológica apenas se verifica na abordagem dos edifícios

---

<sup>1</sup> GOMES, Carina Sousa – A Construção social de um destino turístico: Coimbra, cidade e imaginário. In *VI Congresso Português de Sociologia Mundos Sociais: Saberes e Práticas*. Lisboa, 2008. p. 8

neste trabalho, uma vez que a rota não foi pensada para ser percorrida por essa ordem, dado que, o declive da cidade não tornaria viável a realização por essa ordem cronológica, pois obrigaria o turista a deslocar-se constantemente de um lugar para o outro para ver os edifícios mediante a sua construção. No final da apresentação e contextualização de todos os edifícios está presente um subcapítulo que aborda o funcionamento e o público alvo da rota.

No IV e último capítulo está inserida uma análise global à rota apresentada anteriormente. Nela são evidenciadas as forças e oportunidades do projeto, bem como as fraquezas e ameaças que o mesmo detém. Esta análise pretende refletir sobre qual o impacto positivo e negativo que a rota pode trazer à cidade, bem como perceber onde é fulcral intervir rapidamente, melhorando substancialmente o turismo da cidade, bem como a sua capacidade de resposta ao nível de atividades e captação de novos visitantes. Trata-se de uma análise meramente qualitativa, pois a cidade encontra-se em constante alteração e já na tentativa de melhorar aspetos aqui evidenciados.

Em relação à metodologia seguida durante o projeto foi privilegiado um cruzamento de conhecimentos teóricos e interpretativos sobre a cidade de Coimbra bem como dos edifícios utilizados para a constituição da rota. Foi ainda necessária uma abordagem teórica referente a fontes bibliográficas direcionadas para o turismo, de forma a conseguir interpretar qual o sentido que deve seguir uma rota e os passos que a constituem, bem como a análise de dados e tabelas estatísticas referentes a estudos do Instituto Nacional de Estatística para refletir sobre o crescimento turístico da região centro nos últimos anos.

Apesar da utilização de fontes bibliográficas foi ainda necessário o reconhecimento presencial da oferta turística da cidade, tendo sido realizados diversos percursos e participando nas rotas turísticas que englobam a oferta da Câmara Municipal. Além de tudo isso, e durante a escolha dos edifícios, foram pensadas e percorridas várias alternativas de percursos que levaram até à escolha final aqui apresentada, que fundamentaram a necessidade de realizar diversos percursos a pé pela cidade para visualização de vários edifícios para a posterior escolha e cálculo do tempo necessário para a sua realização. De forma a completar o projeto com fotografias atuais e de autor, foi ainda necessário realizar o percurso e fotografar todos os edifícios pertencentes à rota para arquivo pessoal e apresentação das imagens em anexo.

A escolha dos edifícios foi realizada de forma a percorrer uma parte da cidade de fácil deslocação. Ao longo dos percursos realizados autonomamente, bem como através

de conversas com a orientadora, foram escolhidos 10 edifícios pertencentes a todo o século XX, tanto edifícios já conhecidos como outros que passam mais despercebidos. Esta escolha detém sempre um carácter algo artificial, podendo a rota poder ser alterada para a inclusão de novos edifícios dentro das mesmas balizas cronológicas.

A redação deste projeto, terminada em agosto de 2018, adota o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Por sua vez, aquando da utilização de excertos de trabalhos de outros autores com publicação anteriores ao Novo Acordo Ortográfico foi mantido o antigo, não alterando as transcrições. Em todas as notas de rodapé realizadas ao longo do projeto foi utilizada a forma completa de citação, por motivos de maior clareza. Por último, cumpre esclarecer que na listagem bibliográfica final apenas consta documentação citada ao longo do corpo de texto, não abrangendo, assim, todo o conjunto de bibliografia consultada ao longo do tempo debruçado sobre o presente trabalho.

## I. Caracterização do Circuito Turístico de Coimbra

O turismo influencia a economia, a política, a sociedade e a cultura, e funciona como um poderoso motor de desenvolvimento, o fenómeno turístico tem tido uma expansão exponencial nas últimas décadas e, é nos dias que correm uma das principais atividades económicas do mundo, despertando assim o interesse das ciências sociais e humanas, como a sociologia.

Percecionando o turismo como algo intrínseco ao ser humano e às suas relações sociais, a sociologia tem promovido estudos que permitem interpretar a relação que o indivíduo estabelece com as suas deslocações, e consequentemente com o meio em que permanece por via das mesmas, os quais ajudam a justificar os fenómenos que emergem associados ao turismo.

Em Portugal o turismo tem um peso significativo enquanto atividade económica. O facto de Portugal apresentar uma grande variedade de destinos turísticos faz com que o turismo, estando devidamente enquadrado num plano de desenvolvimento, seja considerado um dos sectores estratégicos mais relevantes para a evolução de uma região, não só por gerar mais postos de emprego, mas também porque potencia o equilíbrio das finanças do país, através de investimentos diretos e indiretos por parte de empresas particulares que auxiliam a sua evolução<sup>2</sup>.

Considerando a multidisciplinariedade um fator essencial para uma compreensão mais ampla dos fenómenos, e sendo essencial um entendimento sociocultural mais profundo do turismo que se tem dinamizado na cidade de Coimbra, começamos por caraterizar o seu circuito turístico, com base em estudos realizados no âmbito sociológico. Estes permitem-nos ter uma primeira perceção de como é apresentada a cidade de forma turística, e de como se torna apelativa a sua visita.

Em relação aos fenómenos do lazer e do turismo, estes vêm-se revelando fatores decisivos no que diz respeito às condições de ordenamento do espaço, da reorganização dos territórios, bem como das políticas de planeamento e desenvolvimento local e nacional. Durante a segunda metade do século XX, a oferta e procura turísticas fizeram desenvolver um tipo singular de turismo “que se desenrola em contextos urbanos, particularmente os que registam uma forte incidência de fatores arquitetónicos, histórico-

---

<sup>2</sup> DIAS, Isabel Nunes – *Turismo Cultural e Religioso no Distrito de Coimbra: Mosteiros e Conventos: viagem entre o sagrado e o profano*. Coimbra: [s.n.], 2010. Tese de Mestrado. p. 64.

arqueológicos e monumentais”<sup>3</sup> e, desta forma, hoje as cidades e os seus centros históricos convertem-se num dos grandes destinos do fenómeno turístico. As cidades consideradas centros de arte, cultura e património, destacaram-se, desde cedo, como lugares de relevo nos circuitos turísticos e impulsionaram ao longo das últimas décadas o turismo urbano e cultural, sendo que:

“O fascínio turístico pelas cidades está relacionado, hoje mais do que nunca, com a sua temporalidade e, por isso, a cidade histórica e monumental tornou-se uma das principais atrações turísticas da atualidade”<sup>4</sup>.

A história da cidade e a sua arquitetura histórico-monumental tornam-se num atual cartão de visita da mesma, sendo os pontos de maior curiosidade entre turistas nacionais e internacionais. O espaço urbano começa a ser visto como um espaço de consumo, onde os serviços e o comércio tem lugar de destaque, e onde de uma forma geral tudo o que envolve a cidade é utilizado como forma de promoção para visitantes e possíveis investidores<sup>5</sup>.

Com a promoção de diversas cidades e locais da Europa, existe um maior número de escolhas a que o público tem acesso, daí que viagens de trabalho podem conter momentos de lazer e conhecimento histórico. Regista-se, também, uma maior procura de locais para férias em família, viagens individuais, ou simplesmente fins-de-semana que levam o turista a conhecer novas culturas e histórias.

Quando falamos de cidades devemos ter em conta a sua configuração física, mas também todas as imagens que lhe são associadas, imagens essas que ficam facilmente na memória do turista, sendo as mesmas um ponto de referência. Tudo numa cidade pode ser explorado, desde o espaço mais antigo ao mais recente, tudo depende da vontade do visitante e de quem promove a cidade. No entanto, o turista é levado a conhecer aquilo que lhe é apresentado quando faz uma pesquisa sobre o local a visitar, ou mesmo quando a ele chega e procura saber quais os principais pontos turísticos da cidade, sendo

---

<sup>3</sup> GOMES, Carina Sousa – A Construção social de um destino turístico: Coimbra, cidade e imaginário. In *VI Congresso Português de Sociologia Mundos Sociais: Saberes e Práticas*. Lisboa, 2008. p. 3.

<sup>4</sup> GOMES, Carina Sousa – A Construção social de um destino turístico: Coimbra, cidade e imaginário. In *VI Congresso Português de Sociologia Mundos Sociais: Saberes e Práticas*. Lisboa, 2008. p. 3.

<sup>5</sup> GOMES, Carina Sousa – A Construção social de um destino turístico: Coimbra, cidade e imaginário. In *VI Congresso Português de Sociologia Mundos Sociais: Saberes e Práticas*. Lisboa, 2008. p. 4.

particularmente escolhidos edifícios históricos como pontos indicados. A equação cidade, cultura e património é utilizada como um segmento turístico em crescimento, que contém em si a capacidade de atrair consumidores e viajantes de forma a aumentar o fluxo turístico da região<sup>6</sup>.

As cidades são compostas por espaços materiais e vividos, mas também por espaços de representação e de imaginação. Isto acontece uma vez que arquitetos e urbanistas idealizam o aspeto físico da cidade e a forma como a mesma vai funcionar e ser vivida. Mas, simultaneamente ao aspeto físico surge a representação e imaginação, uma vez que as cidades são exibidas de diferentes formas artísticas, em músicas, em filmes, em pinturas, em fotografias e na literatura, acabando por todas estas representações surtir efeito sobre as cidades<sup>7</sup>. É, em parte, através deste trabalho dos arquitetos e urbanistas que se vão delimitar linhas orientadoras da imagem que representa uma cidade e que serve como promoção da mesma, sendo que, “a promoção de um lugar consiste na venda de um conjunto de serviços selecionados ou na venda do lugar como um todo, através de imagens formadas por vários atributos a ele associadas”<sup>8</sup>. Aquando, por exemplo, da criação de um roteiro ou guia turístico, os mesmos são elaborados de forma a mostrarem apenas fotografias de locais considerados “perfeitos”, contam unicamente uma parte selecionada da história da cidade, e apresentam uma parte reduzida de experiências, de forma a expor uma cidade idealizada, não apresentando propriamente aquilo que é a cidade e tudo o que tem a oferecer<sup>9</sup>.

Coimbra é apresentada como uma cidade polissémica, que se divide em várias cidades: “*cidade histórica, tradicional, universitária, dos estudantes, arquitetónica, do fado e do Mondego*”<sup>10</sup>. Como *cidade histórica* leva-nos para o papel que assumiu na história e na cultura portuguesa, apontando ainda para a sua riqueza monumental, pois reúne em si um aglomerado de edifícios que testemunham o passado. Enquanto *cidade universitária*, apresenta-se como sendo a casa da universidade mais antiga do país (e durante séculos a única), de onde saíram nomes ilustres e atualmente conhecidos, estando

---

<sup>6</sup> GOMES, Carina Sousa – A Construção social de um destino turístico: Coimbra, cidade e imaginário. In *VI Congresso Português de Sociologia Mundos Sociais: Saberes e Práticas*. Lisboa, 2008. p. 4.

<sup>7</sup> GOMES, Carina Sousa – A Construção social de um destino turístico: Coimbra, cidade e imaginário. In *VI Congresso Português de Sociologia Mundos Sociais: Saberes e Práticas*. Lisboa, 2008. p. 4.

<sup>8</sup> GOMES, Carina Sousa – A Construção social de um destino turístico: Coimbra, cidade e imaginário. In *VI Congresso Português de Sociologia Mundos Sociais: Saberes e Práticas*. Lisboa, 2008. p. 5.

<sup>9</sup> GOMES, Carina Sousa – A Construção social de um destino turístico: Coimbra, cidade e imaginário. In *VI Congresso Português de Sociologia Mundos Sociais: Saberes e Práticas*. Lisboa, 2008. p. 5.

<sup>10</sup> GOMES, Carina Sousa – A Construção social de um destino turístico: Coimbra, cidade e imaginário. In *VI Congresso Português de Sociologia Mundos Sociais: Saberes e Práticas*. Lisboa, 2008. p. 8.



a centralidade da universidade nas rotas do conhecimento e cultura. Como *cidade tradicional* surge ligada ao âmbito universitário e às tradições estudantis, onde se inserem a música e o traje universitário. É *cidade arquitetónica* devido ao valioso património que neste âmbito detém. E, por fim, *cidade do fado e do Mondego*, ambas interligadas à cidade universitária e dos estudantes, formas particulares pelas quais a cidade de Coimbra é mais conhecida<sup>11</sup>.

A apresentação de Coimbra nos circuitos turísticos é feita através de textos curtos adjetivando a cidade, onde é utilizada uma linguagem emocional de forma a cativar os turistas. É através de imagens e do uso de adjetivos que é composto o convite a visitar Coimbra<sup>12</sup>.

Um lugar pode ser associado a mais do que uma imagem, assim sendo, aquando da promoção turística de uma cidade, várias imagens a podem representar, tudo depende dos objetivos promocionais e comerciais dos operadores turísticos<sup>13</sup>. Todas as cidades são constituídas por diversas vertentes e por um amplo leque de leituras que são explorados pela promoção turística de forma seletiva. Se atentarmos, a título de exemplo, à promoção feita sobre a cidade de Coimbra poderemos perceber que esta incide tendencialmente sobre a história da cidade, a universidade, as tradições, o valor arquitetónico, entre outros já anteriormente referidos, deixando esquecidos outros valores e atividades importantes para a cidade, como é o caso da oferta cultural.

A oferta cultural de Coimbra não é apresentada aos turistas de forma a que os mesmos tenham interesse e vontade de participar. Desde logo e, mesmo existindo entidades responsáveis pela programação e divulgação da agenda cultural da cidade, tal informação não chega muitas das vezes aos habitantes locais, pelo que com acrescida dificuldade chegará aos turistas que a visitam durante poucos dias<sup>14</sup>. Coimbra baseia-se apenas no modo de vida estudantil, deixando tradições como as tricanas, ou mesmo a população rural, que tal como antigamente, ainda hoje se desloca à cidade para vender os seus produtos em feiras e festas populares<sup>15</sup>. Por último, é de destacar que os espaços

---

<sup>11</sup> GOMES, Carina Sousa – A Construção social de um destino turístico: Coimbra, cidade e imaginário. In *VI Congresso Português de Sociologia Mundos Sociais: Saberes e Práticas*. Lisboa, 2008. p. 8.

<sup>12</sup> GOMES, Carina Sousa – Revista Crítica de Ciências Sociais. *Imagens e narrativas da Coimbra turística: Entre a cidade real e a cidade (re)imaginada*. Coimbra. (2008). p. 56.

<sup>13</sup> GOMES, Carina Sousa – Revista Crítica de Ciências Sociais. *Imagens e narrativas da Coimbra turística: Entre a cidade real e a cidade (re)imaginada*. Coimbra. (2008). p. 67.

<sup>14</sup> GOMES, Carina Sousa – Revista Crítica de Ciências Sociais. *Imagens e narrativas da Coimbra turística: Entre a cidade real e a cidade (re)imaginada*. Coimbra. (2008). p. 74.

<sup>15</sup> GOMES, Carina Sousa – Revista Crítica de Ciências Sociais. *Imagens e narrativas da Coimbra turística: Entre a cidade real e a cidade (re)imaginada*. Coimbra. (2008). p. 74.

verdes da cidade caíram no esquecimento de quem a promove, como é o caso do Choupal, Vale de Canas, ou mesmo o Jardim da Sereia<sup>16</sup>.

Tais desvalorizações ou omissões fazem com que Coimbra apenas tenha como área turística a Alta Universitária, que mesmo assim não engloba todo o centro histórico da cidade. Sendo certo que constitui um núcleo de grande importância para a história de Coimbra, o facto de a oferta turística apenas se concentrar nesta área delimitada conduz a um “boom” de turistas no mesmo local durante todo o ano. Além disso, não promove um aumento do número de dias que os turistas passam na cidade (um apenas), o qual, com a devida preparação de uma oferta mais diversificada e dinâmica, se poderia estender por pelo menos mais dois ou três dias.

Para perceber mais sobre a oferta turística de Coimbra é importante referir a análise feita por Carina Gomes a partir do Guia de Portugal (1988 (1924)), Guia Expresso das Cidades e Vilas Históricas de Portugal (1996) e o Guia American Express: Portugal (2007). O objetivo desta análise foi comparar se a promoção da cidade de Coimbra a nível nacional é semelhante à que é feita internacionalmente, através do *Guia Expresso*, e do *Guia American Express*, respetivamente. Por outro lado, através do *Guia de Portugal* da Fundação Calouste Gulbenkian, Carina Gomes procurou entender “se se trata de elementos recentes na promoção da cidade ou se, pelo contrário, a cidade continua a fazer-se valer de recursos já importantes no passado”<sup>17</sup>.

Os três guias estão bastante separados cronologicamente (1924, 1996, 2007), pelo que possuem naturezas distintas, uma vez que a sua concretização partiu de lógicas, objetivos e públicos variados. Uns guias aproximam-se mais de relatos de viagens, enquanto outros se direcionam mais para o consumo turístico imediato. Desta forma, o turista terá acesso a maiores ou menores quantidades de informação dependendo do guia que consulte<sup>18</sup>.

Em todos os guias estão presentes aspetos comuns da cidade de Coimbra: “o seu papel na formação da nacionalidade, a importância da universidade, a vivência estudantil, a densidade histórica, os mitos e lendas, e a sua riqueza patrimonial”<sup>19</sup>. Todos os guias

---

<sup>16</sup> GOMES, Carina Sousa – Revista Crítica de Ciências Sociais. *Imagens e narrativas da Coimbra turística: Entre a cidade real e a cidade (re)imaginada*. Coimbra. (2008). p. 75.

<sup>17</sup> GOMES, Carina Sousa – Revista Crítica de Ciências Sociais. *Imagens e narrativas da Coimbra turística: Entre a cidade real e a cidade (re)imaginada*. Coimbra. (2008). p. 63.

<sup>18</sup> GOMES, Carina Sousa – Revista Crítica de Ciências Sociais. *Imagens e narrativas da Coimbra turística: Entre a cidade real e a cidade (re)imaginada*. Coimbra. (2008). p. 66.

<sup>19</sup> GOMES, Carina Sousa – Revista Crítica de Ciências Sociais. *Imagens e narrativas da Coimbra turística: Entre a cidade real e a cidade (re)imaginada*. Coimbra. (2008). p. 66.

caracterizam Coimbra como “uma cidade universitária, uma cidade dos estudantes e uma cidade histórica”<sup>20</sup>, sendo que o guia da Fundação Calouste Gulbenkian tem uma maior descrição histórica e patrimonial, enquanto que o guia da *American Express* apresenta uma descrição mais curta, direta e apenas com os dados essenciais<sup>21</sup>. Apesar de todos os aspetos em comum, existem também algumas diferenças, nomeadamente no facto de alguns guias se concentrarem no centro da cidade aquando da sua descrição, enquanto outros apresentam informações mais alargadas, referindo o “*outro* lado do Rio Mondego” muitas vezes esquecido nas atividades turísticas da cidade<sup>22</sup>. Para concluir esta análise, importa frisar que o objetivo dos guias turísticos é a apresentação da cidade através da recomendação de determinados locais de forma planeada, pelo que se verifica uma frequente linguagem de exaltação sobre os locais, onde os adjetivos têm lugar de destaque.

Sendo a Universidade de Coimbra o ponto de maior interesse turístico procurado por quem visita a cidade, é de destacar que a oferta turística que esta faculta apenas se centra em si própria. Na página online da universidade são então encontrados os pontos de interesse a visitar, que englobam o roteiro da universidade, sendo eles, Paço Real; Capela de São Miguel; Porta Férrea; Biblioteca Joanina; Colégio de Jesus e Torre da Universidade.

Em relação à oferta turística dinamizada e promovida pela Câmara Municipal de Coimbra (CMC), a mesma é possível consultar através da agenda cultural anual da cidade, que se pode adquirir no posto de turismo de forma gratuita, onde mais uma vez é feita referência à Alta Universitária e à Baixa da cidade, deixando no esquecimento os restantes pontos de interesse da cidade. As visitas guiadas fornecidas pela CMC também estão presentes na agenda cultural anual, tendo datas marcadas ao longo do ano, onde também se encontram as informações necessárias, como o local, preço e horário, mas as mesmas voltam a centrar-se na Universidade, Baixa e Rua da Sofia.

Existe também um programa de visitas guiadas chamado “Passear na História”, que se encontra ligado à CMC, e que se destina a escolas e alunos de diferentes graus de ensino, tendo que ser marcado com a CMC com pelo menos um mês de antecedência.

---

<sup>20</sup> GOMES, Carina Sousa – Revista Crítica de Ciências Sociais. *Imagens e narrativas da Coimbra turística: Entre a cidade real e a cidade (re)imaginada*. Coimbra. (2008). p. 66.

<sup>21</sup> GOMES, Carina Sousa – Revista Crítica de Ciências Sociais. *Imagens e narrativas da Coimbra turística: Entre a cidade real e a cidade (re)imaginada*. Coimbra. (2008). p. 66.

<sup>22</sup> GOMES, Carina Sousa – Revista Crítica de Ciências Sociais. *Imagens e narrativas da Coimbra turística: Entre a cidade real e a cidade (re)imaginada*. Coimbra. (2008). p. 66.

Trata-se de um programa onde as visitas não ultrapassam 1h30m, existindo vários circuitos disponíveis, onde se observam os edifícios por fora, e caso haja interesse em visitar os edifícios do circuito pelo interior, as escolas devem contactar as entidades responsáveis pelos mesmos e adquirir os bilhetes. Os circuitos disponíveis centram-se novamente nos locais já anteriormente referidos, Coimbra Fortificada; Românico em Coimbra; Manuelino em Coimbra; Coimbra do Renascimento; Coimbra – Colégios da Alta; Coimbra – Colégios da Baixa; As Reformas Pombalinas em Coimbra; Edifícios do Estado Novo; Jardins Históricos.

Em relação a informações sobre a cidade de Coimbra no Turismo do Centro, esta é referida na *Rota do Património da Humanidade* através da Universidade de Coimbra – Alta e Sofia, e ainda na *Rota dos Jardins*, onde se destaca a Quinta da Lágrimas e o Jardim Botânico. Ainda no Turismo do Centro podemos encontrar referidos os pontos de interesse da cidade de Coimbra, sendo eles a Universidade de Coimbra, o Museu Nacional de Machado de Castro, a Igreja do Mosteiro de Santa Cruz, o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, o Jardim da Sereia, o Jardim Botânico, o Jardim da Quinta das Lágrimas, o Parque Verde do Mondego e a Ponte Pedonal Pedro e Inês.

Destes exemplos anteriormente referidos, podemos perceber que tanto a Universidade de Coimbra, a Câmara Municipal de Coimbra como o Turismo do Centro realçam os mesmos locais de atração turística, deixando no esquecimento outros edifícios e espaços que também fazem parte da dinamização e crescimento da cidade ao longo dos tempos. Coimbra precisa de inovação na oferta que apresenta a quem visita a cidade. Além das rotas atualmente oferecidas da cidade de Coimbra podem existir outras, ou pelo menos ser feita referência a outros edifícios que ficam dentro do mesmo circuito, negligenciados aquando da visita guiada, nos guias turísticos e panfletos fornecidos nos postos de turismo. Muito mais que reter os visitantes por um período temporal reduzido, como uma manhã ou uma tarde, Coimbra deveria investir em estratégias de retenção dos turistas por períodos mais extensos oferecendo mais e melhores programas culturais e patrimoniais. A produção e programação de novas rotas patrimoniais, tem o potencial de cativar o turista a pernoitar na cidade, levando-o a participar nas atividades culturais que vão acontecendo e que ficam quase que ignoradas, e no dia seguinte fazer um roteiro diferente, explorar a cidade mesmo que de forma autónoma, utilizando um mapa com os pontos de interesse, ou mesmo através de um ficheiro que consegue descarregar para o smartphone e a partir daí entender uma nova história, a evolução da cidade. Trata-se não

de anular as rotas existentes, mas sim de adicionar novas, criando pontos de interesse inovadores.

No que se refere à distribuição do turismo português em geral, quer seja a nível de procura ou de oferta, existem diversos desequilíbrios, que estão desde logo relacionados com o facto do turismo se ter aproveitado numa fase inicial e de forma profunda dos fatores naturais, como o sol e o mar<sup>23</sup>, negligenciando, assim, as questões patrimoniais e culturais. Aliás, esta negligência foi um fator decisivo para que grande parte do turismo se centrasse nas cidades litorais de maior relevância nas relações nacionais e internacionais como é o caso do Porto, Lisboa e Algarve. Com o passar dos anos e com a evolução e empenho na promoção turística de outras cidades do país o crescimento turístico acabou por se alargar a outros pontos do país e por se dinamizar.

No caso de Coimbra é de destacar, como já referido anteriormente, o facto de ser uma cidade procurada apenas para uma visita rápida, que se pode fazer em uma manhã ou tarde, devido à oferta das rotas turísticas disponíveis. No entanto, verifica-se que tal tendência começa a registar alterações, conquanto ainda exista um logo caminho pela frente. Segundo os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), disponíveis para os anos de 2014 a 2016, regista-se um aumento de dormidas nos estabelecimentos turísticos da cidade de Coimbra. Com efeito, no ano de 2014 o número total de dormidas foi de 480 103; sendo que em 2015 o mesmo aumentou para um total de 526 235; e por último, os dados mais recentes de 2016 apontam para um número total de 572 651 dormidas. Podemos então concluir que, entre 2014 e 2016, o número de dormidas em Coimbra aumentou cerca de 92 598, um número relativamente significativo num total de três anos<sup>24</sup>.

A 16 de Fevereiro de 2017, Pedro Machado, presidente do Turismo Centro de Portugal, declara ao *Diário de Notícias* que “o centro tem vindo a ganhar espaço como destino de perceção dos turistas, a nível nacional como internacional”<sup>25</sup>.

Segundo uma análise geral publicada no *Boletim Mensal de Estatística* do ano de 2017, o aumento de dormidas na região centro foi notado em quase todos os meses face

---

<sup>23</sup> DIAS, Isabel Nunes – *Turismo Cultural e Religioso no Distrito de Coimbra: Mosteiros e Conventos: viagem entre o sagrado e o profano*. Coimbra: [s.n.], 2010. Tese de Mestrado. p. 65.

<sup>24</sup> Instituto Nacional de Estatística. Número de dormidas em estabelecimento de alojamento. [consultado 10 dezembro 2017]. Disponível em [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine\\_main&xpid=INE&xlang=pt](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine_main&xpid=INE&xlang=pt)

<sup>25</sup> GALA, Maria João – *Diário de Notícias. Turismo no Centro bateu recordes em 2016*. Lisboa. (2017) [consultado 11 dezembro 2017]. Disponível em <https://www.dn.pt/dinheiro/interior/turismo-no-centro-bateu-recordes-em-2016-5672751.html>

aos números registados no ano de 2016. É de salvaguardar que existe uma descida desses valores comparados anualmente devido ao facto de o carnaval e a páscoa, períodos aproveitados para fins-de-semana prolongados, serem meses diferentes. Já no *Boletim Mensal de Estatística* de 2017 é referido que “no período entre janeiro e outubro todas as regiões registaram acréscimos, salientando-se as evoluções apresentadas pela RA Açores (+16,3%), Centro (+14,3%) e Alentejo (+10,6%)”<sup>26</sup>.

É preciso também refletir sobre a “política nacional para o sector turístico”<sup>27</sup>, uma vez que a mesma não se tem caracterizado pela inovação, acabando por repetir em anos consecutivos os mesmos objetivos e medidas já anteriormente apresentadas. Desta forma, tanto a política turística como os empresários terão de tomar medidas para que exista uma renovação do sector turístico em Portugal, bem como adotar uma nova estratégia que conduza à requalificação da oferta atual e à elaboração de novos produtos turísticos. Estes devem ter em conta não apenas a atual procura turística, mas também os mais recentes dados referentes à exploração dos recursos naturais e culturais<sup>28</sup>. Desta forma, é também importante atrair e reter o turista nacional, de forma a que o mesmo tenha tendência a preferir a oferta interna existente em vez de optar pela alternativa oferecida pelos produtos estrangeiros. Portugal consegue através de todo o país satisfazer um conjunto diversificado de visitantes, uma vez possui diferentes aspetos (geográficos e histórico-culturais, desde logo) que geram atração captando, assim, turistas com objetivos distintos.

Perante uma seleção aleatória de três cidades nacionais, Coimbra, Aveiro e Esposende, e de uma pesquisa feita através do Google, como se simulasse a programação de uma viagem, foi possível verificar que apenas no caso de Esposende e de Aveiro aparece logo inicialmente páginas web pertencentes em exclusivo à cidade. No caso de Coimbra a informação que se pretendia obter aparece em páginas de viagens como o tripadvisor, na página do Turismo do Centro, na página da Universidade de Coimbra e, por fim, num blogue sobre passeios turísticos em Coimbra.

Em relação a Esposende, cidade no Norte do país, e talvez a menos conhecida entre as três, a procura revela-se fácil, numa página web da cidade, moderna e simples de consultar, onde se apresentam propostas para conhecer Esposende, em meio dia, um dia, ou até dois dias. Nas três opções apresentadas explica-se ao turista quais os espaços a

---

<sup>26</sup> Boletim Mensal de Estatística. *Novembro 2017*. Lisboa. ISSN 0032 – 5082. p. 7.

<sup>27</sup> DIAS, Isabel Nunes – *Turismo Cultural e Religioso no Distrito de Coimbra: Mosteiros e Conventos: viagem entre o sagrado e o profano*. Coimbra: [s.n.], 2010. Tese de Mestrado. p. 64.

<sup>28</sup> DIAS, Isabel Nunes – *Turismo Cultural e Religioso no Distrito de Coimbra: Mosteiros e Conventos: viagem entre o sagrado e o profano*. Coimbra: [s.n.], 2010. Tese de Mestrado. p. 64.

visitar mediante o tempo que tem disponível, sendo que nas estadias mais longas, além da oferta cultural, ainda são feitas sugestões gastronómicas (restaurantes) e de alojamento. É ainda de destacar que se propõem programas para diferentes faixas etárias, estando estas divididas entre jovens (18 a 35 anos), adultos (36 a 60 anos) e séniores (+ de 60 anos).

No caso de Aveiro, cidade mais próxima de Coimbra, a página web “portal d’aveiro” apresenta como proposta sete diferentes roteiros turísticos, desde roteiros sobre a ria, o mar, as serras, passando pela gastronomia e arte. Todos estes roteiros têm informação adicional sobre em quanto tempo se conseguem realizar na totalidade, o tipo de transporte aconselhado, bem como informação sobre o que vão visualizar e experienciar em cada um. Nesta página é ainda possível ter acesso a informação sobre alojamento, restaurantes, museus e monumentos, entre outros.

Por fim, em relação a Coimbra, podemos verificar o que já anteriormente foi referido. Os resultados da informação pretendida encontram-se em páginas de viagens e não diretamente no site da Câmara Municipal. Na página do Turismo do Centro, a informação encontrada é a que já anteriormente foi referida e destina-se ao roteiro proposto pela Universidade, ficando novamente o turista limitado à Alta Universitária.

Seja a nível nacional ou internacional, o turista consegue ter uma oferta mais alargada num local relativamente mais desconhecido do que na conhecida cidade de Coimbra. Deste modo, reveste-se de importância e urgência uma dinamização do espaço, a apresentação de novos roteiros alternativos à Alta Universitária dada a enorme pressão que neste momento regista a nível turístico, de forma a que a cidade se tornasse mais promovida e visitada. O presente trabalho foca-se essencialmente nessa parte, a apresentação de uma Rota de Arquitetura do século XX, onde vão ser referidos edifícios que muitas das vezes parecem escondidos aos olhos de quem percorre a cidade diariamente e de quem a visita por poucas horas ou dias e nem é informado de que os mesmos existem. Antes da proposta da rota em si e da explicação da sua importância para a cidade, é necessário apresentar sinteticamente rotas que em Portugal são similares à que se tem em vista.

Ao nível da arquitetura do século XX, Portugal encontra-se um pouco débil na sua oferta turística. É em cidades como Ílhavo, Aveiro, Esposende, Vila Nova de Famalicão e Coimbra que se pode encontrar oferta turística dentro desta temática. Cada uma delas foca-se numa parte específica do século XX, adquirindo assim nomes diferentes.

No caso do roteiro de arquitetura do século XX do município de Ílhavo, este refere edifícios com características da diversidade arquitetónica novecentista. É uma rota constituída por dez edifícios, estando os mesmos datados entre 1926 e 1997, onde se destacam arquitetos como António de Almeida, Luís Benavente, Alfredo Ângelo Magalhães e António Belém Lima. Este roteiro não obedece a normas de representatividade cronológica, estilística, regional ou topológica<sup>29</sup>.

Aveiro foi distinguida como cidade-museu da Arte Nova em Portugal. Destaca-se pela rota de Arte Nova, composta por dez edifícios que contemplam autores como Carlos Mendes, Jaime Inácio dos Santos, Ernesto Korrodi, entre outros<sup>30</sup>.

Já nos casos de Esposende e Vila Nova de Famalicão, é preciso ter em conta que são cidades mais pequenas, menos conhecidas, mas que da mesma forma tentam dinamizar o espaço e a oferta cultural e turística, de forma a aumentarem a afluência turística, quer nacional como internacional. Desta forma, fazem com que a sociedade em geral tenha curiosidade pela temática da arquitetura do século XX e esteja disposta a experienciá-la, levando assim ao crescimento económico das cidades.

Esposende avançou em março de 2017 com o roteiro de Arquitetura Modernista. Este roteiro apresenta um trajeto por dezoito edifícios, localizados em Marinhas, Esposende e Vila de Fão, tendo sido construídos entre os anos 40 e 70 do século XX. Estes edifícios integram nomes de engenheiros e arquitetos, nomeadamente, Jorge Viana, Viana de Lima, Alfredo Magalhães, Fernando Távora, entre outros. Nesta rota em específico é possível adquirir um mapa de bolso ilustrativo de todas as construções, com o respetivo QR Code, que ajuda a realizar o trajeto, bem como uma aplicação para smartphones onde é possível ver o modelo original de cada edifício em 3D, permitindo assim que aquilo que hoje é considerado como uma simples visita virtual faça chegar o espectador mais próximo da realidade de todos os ângulos dos edifícios<sup>31</sup>.

Vila Nova de Famalicão projetou no ano de 2016 o roteiro de Arquitetura Moderna, que dá ênfase a treze edifícios de Januário Godinho. Estes edifícios estão agora reunidos num roteiro, de forma a divulgar a arquitetura moderna existente em Famalicão, sendo que o mesmo se inicia nos Paços do Concelho, edifício considerado o ex-líbris do

---

<sup>29</sup> Câmara Municipal de Ílhavo. [consultado 08 janeiro 2018]. Disponível em <http://www.cm-ilhavo.pt/pages/1800>

<sup>30</sup> Turismo de Portugal Centro. [consultado 08 janeiro 2018]. Disponível em <http://www.centerofportugal.com/pt/rota-da-arte-nova-aveiro/>

<sup>31</sup> Câmara Municipal de Esposende. [consultado 10 dezembro 2017]. Disponível em [http://www.municipio.esposende.pt/frontoffice/pages/703?news\\_id=3690](http://www.municipio.esposende.pt/frontoffice/pages/703?news_id=3690)



arquiteto na região, passando por diversas casas particulares, seguindo por fim para um conjunto de edifícios públicos, onde se destaca a zona comercial, o centro paroquial, o cemitério, entre outros<sup>32</sup>.

Por último, no que diz respeito a Coimbra, cidade na qual este projeto se centra, é de referenciar a oferta da rota de Arquitetura Contemporânea já existente. A rota é proposta pela Câmara Municipal, estando integrada na programação cultural e turística, sendo mencionada na agenda anual da cidade. Esta visita guiada acontece com data e hora marcada, tendo sido no ano de 2017 no dia 16 de novembro. A visita destaca edifícios como o Banco de Portugal, antigo edifício do Governo Civil, Ponte de Santa Clara, e ainda edifícios localizados na outra margem do rio Mondego, sendo eles, o renovado Convento de São Francisco, o espaço afeto ao Convento de Santa Clara-a-Velha e o Portugal dos Pequenitos. Dentro desta rota destacam-se nomes nacionais e internacionais como, Edgar Cardoso, Cottinelli Telmo, Cassiano Branco, Siza Vieira e Gonçalo Byrne<sup>33</sup>. Também dentro das propostas da Câmara Municipal para visitas guiadas programadas na agenda cultural da cidade está a rota Cidade Universitária do Estado Novo. Esta rota encontra-se relacionada com a arquitetura do século XX, e pretende focar os edifícios universitários edificados durante o Estado Novo. Mais uma vez, nesta última rota apresentada, é possível verificar que a cidade aposta numa agenda cultural pouco diversificada, dirigindo as suas propostas para o “boom” turístico junto da universidade<sup>34</sup>. Estas rotas anteriormente apresentadas não são rotas permanentes, são visitas guiadas e orientadas que seguem um determinado percurso, realizadas numa data e hora marcadas previamente na agenda cultural da cidade e que se o turista não estiver na cidade nessa altura não poderá usufruir da mesma. Desta forma, durante o restante tempo do ano, o turista que se encontre na cidade não pode usufruir de imediato destas rotas, podendo fazer uma marcação, mas que tem de ser com o mínimo de um mês de antecedência. Assim, a rota que será apresentada neste projeto distingue-se pela sua flexibilidade de

---

<sup>32</sup> Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão. [consultado 08 janeiro 2018]. Disponível em [http://www.cm-vnfamalicao.pt/roteiro\\_pela\\_arquitetura\\_moderna\\_lancado\\_no\\_concelho](http://www.cm-vnfamalicao.pt/roteiro_pela_arquitetura_moderna_lancado_no_concelho)

<sup>33</sup> Notícias de Coimbra. *Quer visitar a “Arquitetura Contemporânea” de Coimbra*. Coimbra. (2016). [consultado 08 janeiro 2018]. Disponível em <https://www.noticiasdecoimbra.pt/quer-visitar-arquitetura-contemporanea-coimbra/>

<sup>34</sup> Notícias de Coimbra. *Câmara oferece visita à Cidade Universitária do Estado Novo*. Coimbra. (2017). [consultado 08 janeiro 2018]. Disponível em <https://www.noticiasdecoimbra.pt/camara-oferece-visita-cidade-universitaria-do-estado-novo/>

realização, uma vez que o turista o pode fazer individualmente e sem precisar de um guia turístico em qualquer altura do ano.

Coimbra, enquanto cidade com potencial turístico, tem vindo a evoluir e a ter mais procura por parte de turistas nacionais e internacionais. O crescimento turístico é notado pelo facto de os visitantes começarem aos poucos a pernoitar na cidade. No entanto, esta tentativa de Coimbra ser uma cidade onde os turistas passam mais do que uma manhã ou uma tarde ainda está numa fase inicial. Os turistas optam então, e segundo a oferta turística que lhes é apresentada, por conhecer apenas a Alta Universitária, deslocando-se por vezes até à Baixa ou à Rua da Sofia, mas não mais do que isso.

O facto de a oferta turística ser pouco diversificada faz com que a tentativa de fixar turistas na cidade por mais de um dia se tenha tornado até aos dias de hoje inviável, sendo nesse sentido necessário fazer mais e inovar. Ainda que não se limite às mesmas, a inovação do turismo conimbricense pode passar pela ação de formular e oferecer mais rotas aos turistas, criando dinâmicas de conhecimento da cidade e da sua história, diversificadas e atrativas, que não se limitam às áreas habituais.

Pretendendo assim potenciar o património arquitetónico existente na cidade de Coimbra ligado ao século XX e auxiliar o modo como a cidade lida com o turismo, neste projeto final de Mestrado irei propor uma nova alternativa de rota turística que poderá ampliar o espectro de turistas nacionais e internacionais que se deslocam anualmente à cidade e intensificar a sua permanência nela, ao oferecer uma área de conhecimento mais alargada e diferente do que aquela que é normalmente disponibilizada nos pontos turísticos.

## II. Rotas e Roteiros: conceptualização e preparação

Para apresentar e consubstanciar uma rota cultural é necessário primeiramente definir, ainda que de modo breve, conceitos já existentes, como património cultural, turismo cultural, rota e roteiro, que facilitarão a compreensão futura das teias relacionais que se desenvolvem em torno deles.

O conceito de património é muito amplo e engloba em si tanto uma dimensão cultural como natural. Ao longo dos tempos este conceito foi adquirindo um significado mais alargado, deixando de estar apenas ligado aos vestígios do passado com valor artístico ou documental<sup>35</sup>. Assim, torna-se relevante num primeiro instante apresentar a origem etimológica da palavra «património» e, conseqüentemente, recuperar para o presente projeto o conceito que nos é facultado pela Lei de Bases do Património Cultural.

Procedente do Latim «patrimonium», a palavra património encontra-se associada à ideia de bens de família ou herança paterna<sup>36</sup>. De facto, o conceito de património desenvolve-se intrinsecamente relacionado com a noção de herança, um legado que era recebido dos nossos antepassados com o intuito de ser transmitido às gerações futuras. A herança cultural, além de contribuir para “uma certa estabilidade, permanência e continuidade dos pertences culturais”<sup>37</sup>, permite ao mesmo tempo estabelecer um elo entre o passado, o presente e o futuro, de forma a que se desenvolva um sentimento de pertença por parte de todos nós<sup>38</sup>. Como afirma Carla Moreira, “o património não é só o legado que é herdado, mas o legado que, através de uma selecção consciente, um grupo significativo da população deseja legar ao futuro. Ou seja, existe uma escolha cultural subjacente à vontade de legar o património cultural a gerações futuras. E existe também uma noção por parte de um determinado grupo relativamente ao legado que é colectivamente herdado”<sup>39</sup>.

Segundo a Direção Regional de Cultura do Norte, e nos termos da Lei de Bases do Património Cultural, “o património cultural é constituído por todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural

---

<sup>35</sup> DIAS, Luís António de Aguiar – *Pelas casas dos “Brasileiros”, um roteiro com história*. Braga: [s.n.], 2015. Trabalho de Projeto. p. 5.

<sup>36</sup> DIAS, Luís António de Aguiar – *Pelas casas dos “Brasileiros”, um roteiro com história*. Braga: [s.n.], 2015. Trabalho de Projeto. p. 5,

<sup>37</sup> MOREIRA, Carla – O entendimento do Património no contexto local. *Oppidum*. nº1 (2006). p. 128.

<sup>38</sup> MOREIRA, Carla – O entendimento do Património no contexto local. *Oppidum*. nº1 (2006). p. 128.

<sup>39</sup> MOREIRA, Carla – O entendimento do Património no contexto local. *Oppidum*. nº1 (2006). p. 128.

relevante, devam ser objeto de especial proteção e valorização”<sup>40</sup>. A legislação subdivide o conceito de património cultural em dois grupos: o imaterial e o material<sup>41</sup>. O imaterial retém no seu universo todo o tipo de património incorpóreo, citando-se, a título de exemplo, tradições e expressões orais; práticas sociais, rituais e eventos festivos; expressões artísticas e manifestações de carácter performativo; conhecimentos e práticas relacionadas com a natureza e o universo; e ainda, competências no âmbito de processos e técnicas tradicionais. No que diz respeito ao património material, este subdivide-se em imóvel e móvel. Ao património imóvel referem-se monumentos, conjuntos e sítios; ao passo que ao móvel aludem os domínios artísticos, etnográficos, arqueológicos, arquivísticos, audiovisuais, bibliográficos, fotográficos e fonográficos<sup>42</sup>.

O Estado português, assim como todos os cidadãos, tem deveres a cumprir em relação ao património do país, impedindo assim a destruição e destituição do mesmo. Em relação ao património cultural, “deve o Estado assegurar a transmissão de uma herança nacional cuja continuidade e enriquecimento unirá as gerações num percurso civilizacional singular”<sup>43</sup>. Desta forma, a política do património cultural delimita estratégias de salvaguarda e conservação do património e de todos os bens culturais a si ligados<sup>44</sup>.

Entendendo o património como uma herança que deve ser transmitida às gerações vindouras, e respeitando a legislação específica para o efeito, os bens culturais - móveis, imóveis, materiais e imateriais - tendem gradualmente a integrar práticas turísticas, contribuindo para a fundamentação das suas diversas tipologias.

O vínculo entre turismo e património tem uma relação tendencialmente positiva, uma vez que o património traz ao turista conhecimento, de forma a que o mesmo o valorize e se enriqueça culturalmente. Por outro lado, o turismo apresenta-se como uma estratégia que garante a valorização e preservação do património, de forma a incentivar a população a ter conhecimento e preservar o património que a rodeia, fomentando a

---

<sup>40</sup> Direção Regional de Cultura do Norte – *Património Cultural*. Vila Real. [consultado 1 fevereiro 2018]. Disponível em <http://www.culturanoorte.pt/pt/areas-de-intervencao/patrimonio-cultural/>

<sup>41</sup> Direção Regional de Cultura do Norte – *Património Cultural*. Vila Real. [consultado 1 fevereiro 2018]. Disponível em <http://www.culturanoorte.pt/pt/areas-de-intervencao/patrimonio-cultural/>

<sup>42</sup> Direção Regional de Cultura do Norte – *Património Cultural*. Vila Real. [consultado 1 fevereiro 2018]. Disponível em <http://www.culturanoorte.pt/pt/areas-de-intervencao/patrimonio-cultural/>

<sup>43</sup> Decreto-Lei nº 107/2001. D.R.I Série-A. 209(2001-09-08) 5808-5829.

<sup>44</sup> Decreto-Lei nº 107/2001. D.R.I Série-A. 209(2001-09-08) 5808-5829.

atividade turística que acaba por aumentar os recursos económicos para a sua gestão e proteção<sup>45</sup>.

O turismo implica mobilidade e deslocações para outros lugares. As pessoas que o praticam podem ter interesses diferentes, mas no final procuram usufruir de uma nova experiência, num local por norma diferente daquele que habitam. Na procura de satisfazer os seus clientes, e sendo o turismo um fenómeno que acompanha o desenvolvimento da sociedade de consumo, o mesmo cria os seus próprios produtos através de recursos já existentes, como é o caso das praias e montanhas. Através de produtos atrativos existentes em cada país, o turismo cultural traz ao turista uma variada oferta gastronómica, visitas e circuitos temáticos, itinerários históricos, descoberta de cidades e regiões que estavam por dinamizar e explorar, entre outros<sup>46</sup>.

O património reflete as marcas culturais dos grupos sociais que ocuparam e modelaram as cidades. Nos dias de hoje é a arquitetura monumental (igrejas, conventos, mosteiros, palácios e palacetes) aquela que mais perdura no tecido urbano, devido à durabilidade da sua construção e de ser tradicionalmente mais valorizada, o que leva a uma maior preservação e conservação dos espaços<sup>47</sup>. A valorização e salvaguarda do património traz consigo a garantia de uma paisagem mais equilibrada e atrativa, onde é reforçada a identidade de uma cidade, o que, por seu turno, acaba por resultar na afirmação do território<sup>48</sup>. A identidade e qualidade do território fomentam a atração da população bem como de atividades económicas, havendo assim um crescimento turístico acentuado.

A questão do património cultural torna-se fundamental para a construção social da memória e identidade, seja a nível local, regional ou nacional, uma vez que este transmite a história de uma região. A preservação do património incorporada em diversas cidades é utilizada como forma de valorização da sua imagem, sendo uma estratégia de

---

<sup>45</sup> CARVALHO, Paulo – *Património e Território: dos Lugares às Redes*. Coimbra: Centro de Estudos Geográficos. p. 5.

<sup>46</sup> MATOS, Ana Cardoso de e SANTOS, Maria Luísa - Os Guias de Turismo e a Emergência do Turismo Contemporâneo em Portugal (dos Finais do Século XIX às Primeiras Décadas do Século XX). *Scripta Nova*. Barcelona. ISSN 1138-9788. Vol. VIII, n.º167(2004).

<sup>47</sup> FERNANDES, João Luís Jesus e CARVALHO, Paulo – *Património, Memória e Identidade: Repensar o Desenvolvimento*. In CAETANO, Lucília – *Território, Ambiente e Trajectórias de Desenvolvimento*. Coimbra: Centro de Estudos Geográficos, 2003. p. 197.

<sup>48</sup> FERNANDES, João Luís Jesus e CARVALHO, Paulo – *Património, Memória e Identidade: Repensar o Desenvolvimento*. In CAETANO, Lucília – *Território, Ambiente e Trajectórias de Desenvolvimento*. Coimbra: Centro de Estudos Geográficos, 2003. p. 198.

crescimento de conhecimento da população mais próxima, bem como o crescimento turístico a si ligado<sup>49</sup>.

De acordo com Elsa Peralta e Marta Anico “tanto o património como a identidade são ficções. Ficções porque ambos existem apenas em abstrato, como algo virtual, que dependem da forma como nos imaginamos a nós próprios, e somos imaginados por outros, num determinado contexto social. A identidade será, assim, a ficção do «sujeito colectivo»; o património, um instrumento simbólico ao serviço dessa ficção”<sup>50</sup>. Entende-se que, apesar da identidade e o património serem “ficções”, eles funcionam sempre em conjunto. A identidade e o património representam aquilo que se quer preservar para mais tarde ser aprendido e apreciado pelos outros, ao mesmo tempo que continuamente contribui para a (re)definição identitária de uma comunidade.

Apesar do turismo mundial e europeu se encontrar em crescimento, Portugal deve continuar a inovar na sua promoção turística para evitar a estagnação. O facto de durante dezenas de anos Portugal ter focado o seu investimento em três regiões turísticas do país fez com que o restante espaço geográfico ficasse desfavorecido a nível turístico, o que resultou num fraco retorno económico proveniente de tal atividade<sup>51</sup>.

Portugal está dependente dos mercados espanhol, inglês, francês e alemão a nível da sua atividade turística, e é por aqui que deve mudar. É imperativa a definição de um modelo de desenvolvimento turístico para Portugal, onde sejam cativados novos turistas de outras partes do mundo. É necessário concorrer com outros países que dinamizam e implementam uma melhor promoção turística<sup>52</sup>.

A procura de novas experiências está a transformar-se numa tendência predominante do turista/visitante. Esta procura é suportada pelo desenvolvimento contínuo das tecnologias da informação e comunicação, que ajudam a que os turistas encontrem o modelo de férias atual, férias sustentáveis e autênticas, em vez do turismo de massas<sup>53</sup>.

---

<sup>49</sup> FERNANDES, João Luís Jesus, CARVALHO, Paulo – *Património, Memória e Identidade: Repensar o Desenvolvimento*. In CAETANO, Lucília – *Território, Ambiente e Trajectórias de Desenvolvimento*. Coimbra: Centro de Estudos Geográficos, 2003. p. 200.

<sup>50</sup> PERALTA, Elsa, ANICO, Marta - “Introdução”, em *Patrimónios e identidades: ficções contemporâneas*, Oeiras: Celta Editora, 2006, p. 2.

<sup>51</sup> VIEIRA, João Martins – *O Turismo em Portugal: Situação Atual e Caminhos de Futuro*. *Lusíada. Economia e Empresa*. Lisboa. nº7 (2007). p. 28.

<sup>52</sup> VIEIRA, João Martins – *O Turismo em Portugal: Situação Atual e Caminhos de Futuro*. *Lusíada. Economia e Empresa*. Lisboa. nº7 (2007). p. 28.

<sup>53</sup> SOUSA, Manuel Jorge Nunes de – *Património e turismo: desafios de uma microempresa de turismo recetor*. Porto: [s.n.], 2016. Tese de Mestrado. p. 39.

A tradicional comercialização e promoção de um destino turístico através das agências de viagens está a perder a sua anterior centralidade. Atualmente, “sites e redes sociais servem para trocar opiniões, obter informações, fazer comparações, o que os torna cada vez mais relevantes também ao nível da promoção”<sup>54</sup>. As campanhas baseadas em cartazes publicitários e os anúncios televisivos perderam a eficácia inicial, ao contrário do que acontece nas redes sociais como o Facebook ou Instagram, onde as opiniões partilhadas têm uma influencia muito maior na escolha do destino feita pelo consumidor<sup>55</sup>. A inovação em termo de divulgação é a base de um novo crescimento turístico que levará a um desenvolvimento económico, mas, desta vez, idealmente distribuído por todo o país. Com efeito, o turismo passou a ser não só moda, um hábito e a satisfação de uma necessidade “escapista” da rotina do trabalho, como também uma fuga da cidade para o campo ou para a praia, na busca de um ambiente que se presume mais saudável e de experiência alternativa à pressão urbana”<sup>56</sup>.

Sendo o turismo uma indústria cultural, este promove atividades, produtos e experiências, como atrações, de forma a trazer a diferentes regiões um vasto número de visitantes. Para que um bem cultural possa ser apresentado como um produto turístico-cultural, tem que passar por um processo de transformação e ser capaz de contar uma história, para assim proporcionar uma vivência/experiência ao visitante<sup>57</sup>. Uma das formas de estabelecer uma relação entre turismo e cultura é a criação de rotas turísticas que facilitem o acesso dos visitantes aos bens culturais, promovendo o encontro entre indivíduos com gostos variados e comunidades com diferentes histórias<sup>58</sup>.

O turismo cultural é, segundo Dias e Aguiar, “(...)uma segmentação do mercado turístico que incorpora uma variedade de formas culturais, incluindo museus, galerias, festivais, festas, arquitectura, sítios históricos, performances artísticas e outras, que, identificadas com uma cultura particular, integram um todo, que caracteriza uma

---

<sup>54</sup> BARROS, Vera Gouveia – *Turismo em Portugal*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos e Vera Gouveia Barros, 2015. p. 67.

<sup>55</sup> BARROS, Vera Gouveia – *Turismo em Portugal*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos e Vera Gouveia Barros, 2015. p. 68.

<sup>56</sup> VIEIRA, João Martins – O Turismo em Portugal: Situação Atual e Caminhos de Futuro. *Lusíada. Economia e Empresa*. Lisboa. nº7 (2007). p. 13.

<sup>57</sup> MAIA, Sara Vidal – *Rotas Museológicas na Região de Aveiro – um Estudo Empírico*. Aveiro: [s.n.], 2010. Tese de Mestrado. p. 2.

<sup>58</sup> MAIA, Sara Vidal – *Rotas Museológicas na Região de Aveiro – um Estudo Empírico*. Aveiro: [s.n.], 2010. Tese de Mestrado. p. 2.

comunidade e que atrai os visitantes em busca de características singulares de outros povos”<sup>59</sup>.

Na mesma linha de raciocínio, Licínio Cunha relaciona ainda as viagens (por razões históricas e religiosas) como parte integrante da sua definição de turismo cultural, uma vez que, “dada a impossibilidade de separar a cultura da história, incluímos no turismo cultural as viagens provocadas pelo desejo de ver coisas novas, de aumentar os conhecimentos, conhecer as particularidades e os hábitos doutros povos, conhecer civilizações e culturas diferentes, do passado e do presente, ou ainda a satisfação de necessidades espirituais (religião)”<sup>60</sup>.

Em ambas as definições os autores sublinham que o turismo cultural procura evidenciar a história e cultura de uma região, de forma a que o turista se sinta curioso em a conhecer e adquirir conhecimentos sobre a mesma, tanto do passado como do presente, saindo assim da sua habitual rotina e hábitos culturais. O turismo cultural assume-se, então, como um produto estratégico que cativa os turistas e fomenta a fruição do património cultural.

O turismo cultural dá destaque aos aspetos culturais, patrimoniais ou artísticos de um destino, bem como fomenta as experiências e atividades existentes para o turista, de forma a que o mesmo interaja com a cultura local<sup>61</sup>. Atualmente o turismo cultural beneficia de tendências que incrementam o seu desenvolvimento, como “os elevados níveis de educação e conhecimento da população turística [a qual] provoca um aumento qualitativo e quantitativo de atrações culturais, uma crescente comercialização de produtos baseados na cultura popular (festivais e outros eventos), uma forte aposta na animação turística e cultural do património, ao mesmo tempo que assistimos a um aumento da concorrência entre atrações, num contexto globalizado”<sup>62</sup>. Desta forma, o turismo cultural alcança particular relevância nas cidades, uma vez que é nelas que se reúnem as atrações culturais mais procuradas, como visitas a museus, monumentos ou

---

<sup>59</sup> SILVA, Ana Paula Amaral Simões da – *Rotas Turístico-Culturais em Ílhavo*. Aveiro: [s.n.], 2011. Relatório de Projeto. p. 21.

<sup>60</sup> SILVA, Ana Paula Amaral Simões da – *Rotas Turístico-Culturais em Ílhavo*. Aveiro: [s.n.], 2011. Relatório de Projeto. p. 21.

<sup>61</sup> SOUSA, Manuel Jorge Nunes de – *Património e turismo: desafios de uma microempresa de turismo recetor*. Porto: [s.n.], 2016. Tese de Mestrado. p. 43.

<sup>62</sup> SOUSA, Manuel Jorge Nunes de – *Património e turismo: desafios de uma microempresa de turismo recetor*. Porto: [s.n.], 2016. Tese de Mestrado. p. 44.



galerias de arte, bem como eventos culturais<sup>63</sup>.

Independentemente da origem ou nível de instrução e conhecimento que o turista tenha sobre o destino, tem sempre como objetivo a descoberta da identidade do território visitado<sup>64</sup>.

Carlos Fortuna dá especial destaque à importância da “educação sobre a história e o património das cidades, como forma de se avivar a memória coletiva, papel que o turismo pode e deve desempenhar”<sup>65</sup>, colmatando assim o facto dos monumentos se poderem tornar invisíveis aos olhos de quem diariamente passa por eles, uma vez que, “a sedução (ou a emoção) que o monumento gera sobre os públicos está ameaçada pela sua contínua repetição e, sobretudo, pela ausência de informação sobre o seu real significado”<sup>66</sup>.

Luís Ferreira realça ainda que “a valorização e preservação do património histórico é outro impacto positivo associado ao turismo pois, com o desenvolvimento da atividade, os monumentos e os prédios com valor histórico tornam-se uma atração fundamental para os turistas”<sup>67</sup>.

Na Europa, a vertente turística mais procurada é a cultural, sendo então necessária a implementação de rotas culturais, de forma a corresponder à procura dos visitantes<sup>68</sup>. Segundo Sara Maia, “o conceito de rota ou itinerário cultural é inovador, completo, complexo e pluridisciplinar, pois contribui qualitativamente para a noção de património, para a sua divulgação e conservação, ao mesmo tempo que reforça o valor de cada elemento que compõe a rota e valoriza a comunidade local”<sup>69</sup>.

Assim, no sentido de num capítulo posterior, se realizar a proposta de uma rota cultural para a cidade de Coimbra, é ainda necessária uma análise e reflexão sobre os conceitos de rota e roteiro, de forma a entender as suas diferenças e semelhanças. O estudo

---

<sup>63</sup> SOUSA, Manuel Jorge Nunes de – *Património e turismo: desafios de uma microempresa de turismo recetor*. Porto: [s.n.], 2016. Tese de Mestrado. p. 45.

<sup>64</sup> SOUSA, Manuel Jorge Nunes de – *Património e turismo: desafios de uma microempresa de turismo recetor*. Porto: [s.n.], 2016. Tese de Mestrado. p. 45.

<sup>65</sup> SOUSA, Manuel Jorge Nunes de – *Património e turismo: desafios de uma microempresa de turismo recetor*. Porto: [s.n.], 2016. Tese de Mestrado. p. 45.

<sup>66</sup> SOUSA, Manuel Jorge Nunes de – *Património e turismo: desafios de uma microempresa de turismo recetor*. Porto: [s.n.], 2016. Tese de Mestrado. p. 45.

<sup>67</sup> SOUSA, Manuel Jorge Nunes de – *Património e turismo: desafios de uma microempresa de turismo recetor*. Porto: [s.n.], 2016. Tese de Mestrado. p. 45.

<sup>68</sup> MAIA, Sara Vidal – *Rotas Museológicas na Região de Aveiro – um Estudo Empírico*. Aveiro: [s.n.], 2010. Tese de Mestrado. p. 3.

<sup>69</sup> MAIA, Sara Vidal – *Rotas Museológicas na Região de Aveiro – um Estudo Empírico*. Aveiro: [s.n.], 2010. Tese de Mestrado. p. 3.

de Leonardo Gonçalves, intitulado *Rota e Roteiro: desafios para uma nova conceituação* são definidos conceitos de rota e roteiro, mobilizando o contributo de vários autores, dos quais três são aqui apresentados para que seja possível uma percepção mais completa e concreta de tais propostas conceptuais.

Designa-se rota como um “itinerário que se percorre para ir de um lugar a outro, especialmente por via marítima ou aérea; caminho; direção, rumo”<sup>70</sup>. Pode ser também entendida como um “caminho direcionado, rodoviário, marítimo ou aéreo, com indicação de um sentido ou de rumo a ser seguido, denominação bastante utilizada para designar itinerários turísticos planejados, estabelecidos e associados a uma temática”<sup>71</sup>. Uma rota pode ser definida como “um itinerário com contexto na história, ou seja, o turismo se utiliza da história como atrativo para fins de promoção e comercialização turística. Na rota, existe uma sequência na ordem dos destinos a serem visitados e há sempre um ponto inicial e um ponto final. É importante ressaltar, também, que uma rota pode contemplar vários roteiros e perpassar várias regiões turísticas”<sup>72</sup>.

Em relação a um roteiro, este pode ser designado como um “itinerário de viagem ou sua descrição pormenorizada. Indicação e localização das ruas, praças, etc., de uma grande cidade”<sup>73</sup>. Pode ser também entendido como uma “descrição pormenorizada de uma viagem ou do seu itinerário. Ainda, indicação de uma sequência de atrativos existentes em uma localidade merecedores de serem visitados”<sup>74</sup>. Um roteiro “não tem obrigatoriamente um ponto inicial e um final. O turista começa a visitação de qualquer um dos destinos. Um roteiro turístico pode perpassar uma ou várias regiões e uma ou várias rotas – e ele é eminentemente temático”<sup>75</sup>.

Conciliando os três conceitos, apresentados anteriormente, definidores de rota, é possível delinear-la, de modo unânime, como “caminho” ou “itinerário” através de meios terrestres, marítimos ou aéreos, que se percorre de um ponto inicial até a um ponto final, tendo os mesmos que ser respeitados devido à sua sequência previamente existente. Uma

---

<sup>70</sup> GONÇALVES, Leonardo – *Rotas e Roteiros: desafios para uma nova conceituação*. Brasil: [s.n.], 2016. Tese de Mestrado. p. 7.

<sup>71</sup> GONÇALVES, Leonardo – *Rotas e Roteiros: desafios para uma nova conceituação*. Brasil: [s.n.], 2016. Tese de Mestrado. p. 8.

<sup>72</sup> GONÇALVES, Leonardo – *Rotas e Roteiros: desafios para uma nova conceituação*. Brasil: [s.n.], 2016. Tese de Mestrado. p. 9.

<sup>73</sup> GONÇALVES, Leonardo – *Rotas e Roteiros: desafios para uma nova conceituação*. Brasil: [s.n.], 2016. Tese de Mestrado. p. 7.

<sup>74</sup> GONÇALVES, Leonardo – *Rotas e Roteiros: desafios para uma nova conceituação*. Brasil: [s.n.], 2016. Tese de Mestrado. p. 8.

<sup>75</sup> GONÇALVES, Leonardo – *Rotas e Roteiros: desafios para uma nova conceituação*. Brasil: [s.n.], 2016. Tese de Mestrado. p. 9.

rota é também vista enquanto atividade turística, na qual a história do local é de alguma forma utilizada como atrativo turístico<sup>76</sup>.

No caso do roteiro, a sua definição encontra-se associada à descrição de ruas, praças e caminhos de uma localidade, sendo que o vocábulo também pode ser utilizado para a descrição de uma viagem ou do seu itinerário, no decurso do qual se referem pontos da localidade que devem ser visitados. Ao contrário do conceito de rota, o de roteiro pressupõe a possibilidade do percurso não ter necessariamente um ponto inicial e um ponto final, criando o turista o seu próprio trajeto<sup>77</sup>.

Desta forma, os roteiros culturais podem ser definidos como percursos de visita organizados, nos quais não é apenas apresentado um conjunto de atrações a serem visitadas, mas também, se procura realizar uma leitura sociocultural do território. Os itinerários culturais devem reconhecer a identidade patrimonial cultural e natural associada a um dado local, mas, ao mesmo tempo, devem procurar servir de elo de ligação entre visitantes e visitados<sup>78</sup>.

Pese embora o contributo fornecido pelas referidas definições, as quais no entanto não esgotam os tópicos em análise nem reúnem com consenso um conjunto de características<sup>79</sup>. Importa realçar que o facto de o turismo estar em expansão a cada dia que passa faz com que seja necessária uma nova abordagem sobre os conceitos de rota e roteiro, de forma a garantir uma base teórica mais dinâmica.

Segundo Manuel Maynar Aguilar, uma rota turística “pode ser definida como um itinerário temático para a descoberta do património, capaz de provocar a realização de uma viagem através do território que a sustenta, utilizando recursos e serviços, sendo portanto, um produto elaborado e suscetível de ser comercializado”<sup>80</sup>. O objetivo de uma rota turística é promover a mobilidade do turista dentro de uma cidade, com um percurso estruturado em etapas, sítios e lugares, onde são necessárias ações de animação e promoção de espaços diferentes para uma maior permanência de tempo<sup>81</sup>. As rotas

---

<sup>76</sup> GONÇALVES, Leonardo – *Rotas e Roteiros: desafios para uma nova conceituação*. Brasil: [s.n.], 2016. Tese de Mestrado. p. 10.

<sup>77</sup> GONÇALVES, Leonardo – *Rotas e Roteiros: desafios para uma nova conceituação*. Brasil: [s.n.], 2016. Tese de Mestrado. p. 13.

<sup>78</sup> MAIA, Sara Vidal – *Rotas Museológicas na Região de Aveiro – um Estudo Empírico*. Aveiro: [s.n.], 2010. Tese de Mestrado. p. 3.

<sup>79</sup> GONÇALVES, Leonardo – *Rotas e Roteiros: desafios para uma nova conceituação*. Brasil: [s.n.], 2016. Tese de Mestrado. p. 14.

<sup>80</sup> CARVALHO, Paulo – *Património e Território: dos Lugares às Redes*. Coimbra: Centro de Estudos Geográficos. p. 8.

<sup>81</sup> CARVALHO, Paulo – *Património e Território: dos Lugares às Redes*. Coimbra: Centro de Estudos Geográficos. p. 8.

convidam o turista a percorrer um percurso no qual predomina uma categoria patrimonial, “podendo ser manifestações culturais, testemunhos do passado arqueológico ou histórico, património artístico, industrial ou espaços naturais”<sup>82</sup>, tendo assim, como objetivo principal publicitar e divulgar um território através do que o constitui.

Atualmente, as rotas revelam-se um dos produtos mais procurados pelos turistas. Desta forma, no ramo da oferta turística, “a rota (ou itinerário) é vista como a produção de um conjunto de atividades e atrações que estimulam a articulação entre áreas distintas e servem de estímulo ao desenvolvimento económico através do turismo”<sup>83</sup>. As rotas turísticas fazem parte de um processo ativo, interativo e evolutivo, essencial na área do turismo e do lazer, e o mesmo precisa de uma programação meticulosa e de uma gestão otimizada<sup>84</sup>.

Existem quatro fases fundamentais na construção de uma rota turística: a preparação, a elaboração, o teste e análise, e a implementação<sup>85</sup>. Na primeira fase de preparação da rota é necessário ter em conta aspetos relativos ao planeamento, desenho, organização e comercialização do produto, para posteriormente ser elaborada a rota. É, então, na junção da primeira com a segunda fase que são identificados os atrativos disponíveis na região, definidos os pontos turísticos estratégicos, delimitada a área geográfica que vai ser analisada e aplicado o programa da rota. Numa terceira fase, a rota deve ser testada, para obter dados relativos à sua otimização, e verificadas possíveis falhas que permitam reajustes. Na última fase, a rota estará concluída e implementada, sendo apresentada como um produto turístico viável<sup>86</sup>.

---

<sup>82</sup> HILÁRIO, Marília Miguel – *Projeto de Criação da “Rota do Granito” no âmbito da Liga dos Amigos de Alpedrinha*. Castelo Branco: [s.n.], 2013. Projeto de Mestrado. p. 32.

<sup>83</sup> MAIA, Sara Vidal – *Rotas Museológicas na Região de Aveiro – um Estudo Empírico*. Aveiro: [s.n.], 2010. Tese de Mestrado. p. 2.

<sup>84</sup> MAIA, Sara Vidal – *Rotas Museológicas na Região de Aveiro – um Estudo Empírico*. Aveiro: [s.n.], 2010. Tese de Mestrado. p. 3.

<sup>85</sup> MAIA, Sara Vidal – *Rotas Museológicas na Região de Aveiro – um Estudo Empírico*. Aveiro: [s.n.], 2010. Tese de Mestrado. p. 3.

<sup>86</sup> MAIA, Sara Vidal – *Rotas Museológicas na Região de Aveiro – um Estudo Empírico*. Aveiro: [s.n.], 2010. Tese de Mestrado. p. 3.

### III. A rota de arquitetura do século XX em Coimbra

#### 3.1. Seleção de edifícios: uma história através de 10 edifícios

A rota insere-se na temática da arquitetura do século XX em Coimbra, e integra os seguintes edifícios, os quais serão abordados em seguida de forma cronológica, embora o percurso proposto os reordene segundo critérios de proximidade geográfica: Associação Académica de Coimbra e o Teatro Académico Gil Vicente, a Escola Primária de Santa Cruz, o Edifício dos Correios (CTT), a filial da Caixa Geral de Depósitos, a casa do Dr. Ângelo da Fonseca, a Agência do Banco de Portugal, o Hotel Astória, a Estação Nova Coimbra-A, o Coreto no Parque Dr. Manuel Braga e, por último, o Pavilhão Centro de Portugal. Estes edifícios permitem compreender, na escala de Coimbra a transformação que a arquitetura Portuguesa registou no século XX.

Desde o final do século XIX, a arquitetura europeia registou transformações, decorrentes da evolução sociocultural e fatores conjunturais e estruturais de natureza política e económica. O advento e o desenvolvimento do processo de modernização dividiu e fez emergir tensões no campo arquitetónico entre, por um lado, a vontade de inovar (desde logo ao nível dos materiais e das técnicas construtivas) e, por outro, a nostalgia e apreensão em relação à profunda mudança que afetava todos os níveis da sociedade, posição que se traduziu na procura de uma atualização das tradições nacionais, prolongando uma lógica eclética característica do romantismo<sup>87</sup>. A origem da modernidade arquitetónica remete para o debate entre arte, técnica e ideologia, sendo que o mesmo se prolongou século XX adentro<sup>88</sup>.

No que diz respeito à realidade da arquitetura portuguesa desta época, o ano de 1900 foi de transformação<sup>89</sup>. É então, à volta dos conceitos de “técnica”, “tecnologia”, “racionalização” e “funcionalismo”, sem esquecer a nostalgia, que se constrói a arquitetura do século XX, a arquitetura moderna<sup>90</sup>. No início do século XX, a arquitetura portuguesa dividia-se em dois caminhos: por um lado a tendência para a representação

---

<sup>87</sup> TOSTÕES, Ana Cristina – *Arquitetura Portuguesa do século XX*. In PEREIRA, Paulo – *História da Arte Portuguesa*. Edição nº 4127. Lisboa: Temas e Debates, 1995. p. 507.

<sup>88</sup> NORAS, José Raimundo – *Amílcar Pinto: um Arquitecto Português do século XX*. Coimbra: [s.n.], 2011. Tese de Mestrado. p. 12.

<sup>89</sup> NORAS, José Raimundo – *Amílcar Pinto: um Arquitecto Português do século XX*. Coimbra: [s.n.], 2011. Tese de Mestrado. p. 13.

<sup>90</sup> PEREIRA, Paulo – *História da Arte Portuguesa*. Edição nº 4127. Lisboa: Temas e Debates, 1995. p. 508.

clássica, influenciada pela escola francesa, na qual os grandes mestres tinham adquirido conhecimentos; por outro lado, verificava-se a firmeza do “gosto tradicional”, associado a um quadro mental romântico, que procurava um modelo arquitetónico próprio, “português do sentir, reivindicando valores metafísicos correlacionados com a nostalgia da nação”<sup>91</sup>.

Nos finais do século XIX e inícios do século XX a mentalidade das pessoas da capital portuguesa começava a mudar. Coimbra ainda se encontrava na pacatez da província, onde apenas aconteciam festejos aquando das festas religiosas na devoção a um santo ou na realização das tradicionais feiras<sup>92</sup>.

A sociedade começou a mudar, surgiu então a moda do “passeio público” e com ela a construção de coretos que animavam a sociedade através de bandas filarmónicas, num espaço público, trazendo assim momentos de lazer. Esta moda surgiu, tal como todas as outras, primeiramente em Lisboa, e só chegou a Coimbra mais tarde, tão mais tarde que em Lisboa já se começava a dissolver através da existência de novos espaços e atividades cidadinas<sup>93</sup>.

A cidade de Coimbra era alvo de lacunas ao nível de construção e recuperação dos coretos já existentes. Em 1899, o Dr. Júlio Henriques, diretor do Jardim Botânico, faz uma encomenda de bambus das colónias para a realização de um coreto na principal ligação do Jardim Botânico, uma vez que, os coretos do Cais e da Quinta de Santa Cruz estavam degradados, embora se esperasse que fossem recuperados, de forma a que as filarmónicas pudessem atuar<sup>94</sup>.

Decorria o ano de 1903 quando a câmara, presidida pelo Dr. Dias da Silva, determinou aprovar o orçamento para a realização das obras do coreto, determinando que posteriormente lhe seria ajustado um pavilhão de ferro<sup>95</sup>. Só no final desse ano é que foi realizado um novo caderno de encargos que determinava as condições que devia obedecer

---

<sup>91</sup> NORAS, José Raimundo – *Amílcar Pinto: um Arquitecto Português do século XX*. Coimbra: [s.n.], 2011. Tese de Mestrado. p.14.

<sup>92</sup> ANACLETO, Regina – O Coreto do Parque Dr. Manuel Braga em Coimbra. *Mundo da Arte*. Coimbra: Imprensa de Coimbra. n.º14 (1983). p. 17.

<sup>93</sup> ANACLETO, Regina – O Coreto do Parque Dr. Manuel Braga em Coimbra. *Mundo da Arte*. Coimbra: Imprensa de Coimbra. n.º14 (1983). p. 18.

<sup>94</sup> ANACLETO, Regina – O Coreto do Parque Dr. Manuel Braga em Coimbra. *Mundo da Arte*. Coimbra: Imprensa de Coimbra. n.º14 (1983). p. 19.

<sup>95</sup> ANACLETO, Regina – O Coreto do Parque Dr. Manuel Braga em Coimbra. *Mundo da Arte*. Coimbra: Imprensa de Coimbra. n.º14 (1983). p. 20.

a estrutura metálica do coreto do Cais<sup>96</sup>, que se encontra no atual Parque Dr. Manuel Braga (fig.1).

No ano seguinte, em janeiro de 1904, foram então apresentadas 3 propostas para a construção do coreto, estando nomeada uma comissão para a análise e posterior escolha de uma das propostas<sup>97</sup>. Das três propostas apresentadas, a Empresa Industrial Portuguesa, de Lisboa, a Fundação do Ouro, Limitada, do Porto, e ainda, Manuel José da Costa Soares, artista conimbricense, foi escolhida a última, tendo o trabalho sido entregue a um artista local com obras que não excediam a periferia da cidade<sup>98</sup>. A proposta de Manuel José da Costa Soares foi sujeita a algumas alterações por parte da comissão que analisou os projetos, mas o artista apresentava uma construção inédita, que nada tinha em comum com uma obra de catálogo ou fabrico em série<sup>99</sup>.

Silva Pinto ficou encarregue de dirigir a obra, mas também de dar o seu aval e propor qualquer alteração que fosse necessária, “como é o caso da substituição do ferro galvanizado às escamas, que se destinava à cúpula, por canelado, uma vez que aquele se não encontrava à venda no mercado”<sup>100</sup>.

A estrutura metálica do coreto começou a ser colocada na última quinzena de maio de 1904 e tudo indicava que o trabalho estivesse terminado antes do final do mês. No entanto, esta conclusão não se verificou, uma vez que a câmara não concordou com a pintura do coreto e mandou substituí-la, tendo encarregue António Eliseu de a realizar<sup>101</sup>. O coreto foi assim inaugurado a 7 de julho de 1904, por ocasião das festas da Rainha Santa, com a atuação da Banda da Infantaria 14, de Viseu<sup>102</sup>.

No fim de concluído, o coreto (fig.2), que ainda hoje se encontra ao dispor da população, apesar de não ser utilizado com tanta frequência, “apresentava um aspecto harmonioso”<sup>103</sup>. Detentor de uma base rústica, mantém à vista a sua pedra aparelhada de

---

<sup>96</sup> ANACLETO, Regina – O Coreto do Parque Dr. Manuel Braga em Coimbra. *Mundo da Arte*. Coimbra: Imprensa de Coimbra. n.º14 (1983). p. 21.

<sup>97</sup> ANACLETO, Regina – O Coreto do Parque Dr. Manuel Braga em Coimbra. *Mundo da Arte*. Coimbra: Imprensa de Coimbra. n.º14 (1983). p. 21.

<sup>98</sup> ANACLETO, Regina – O Coreto do Parque Dr. Manuel Braga em Coimbra. *Mundo da Arte*. Coimbra: Imprensa de Coimbra. n.º14 (1983). p. 21.

<sup>99</sup> ANACLETO, Regina – O Coreto do Parque Dr. Manuel Braga em Coimbra. *Mundo da Arte*. Coimbra: Imprensa de Coimbra. n.º14 (1983). p. 24.

<sup>100</sup> ANACLETO, Regina – O Coreto do Parque Dr. Manuel Braga em Coimbra. *Mundo da Arte*. Coimbra: Imprensa de Coimbra. n.º14 (1983). p. 24.

<sup>101</sup> ANACLETO, Regina – O Coreto do Parque Dr. Manuel Braga em Coimbra. *Mundo da Arte*. Coimbra: Imprensa de Coimbra. n.º14 (1983). p. 24.

<sup>102</sup> ANACLETO, Regina – O Coreto do Parque Dr. Manuel Braga em Coimbra. *Mundo da Arte*. Coimbra: Imprensa de Coimbra. n.º14 (1983). p. 24.

<sup>103</sup> ANACLETO, Regina – O Coreto do Parque Dr. Manuel Braga em Coimbra. *Mundo da Arte*. Coimbra: Imprensa de Coimbra. n.º14 (1983). p. 24.

Bordalo, transmitindo a sensação de força, uma vez que é capaz de sustentar uma edificação em ferro. As balaustradas, arcos que unem as colunas e a grimpia, são trabalhadas em ferro batido, e apenas “as colunas, os ornatos superiores aos arcos e os balaustres terminais das escada”<sup>104</sup> são trabalhados em ferro fundido. A sustentar a “renda” de ferro rematada pela cúpula encontram-se várias colunas<sup>105</sup>.

O segundo edifício insere-se na tipologia escolar. A necessidade de um sistema de ensino primário em Portugal surge durante o tempo de Marquês de Pombal. Aquando da expulsão dos Jesuítas, que desempenhavam o papel educativo, a Coroa viu-se na obrigação de evoluir a educação do país<sup>106</sup>. Com o passar dos séculos as escolas foram evoluindo e os níveis de ensino também. Em Portugal o cuidado com o espaço, a escola, não se revelou uma questão prioritária, deu-se antes destaque à qualidade e forma de ensino<sup>107</sup>. Seria necessário esperar pelos “finais do séc. XIX, [para] a Escola passar a ser pensada pelos arquitectos, tornando-se inclusivamente objecto de estudo, atingindo um grau de qualidade que viria a ser internacionalmente reconhecido”<sup>108</sup>.

Por altura da venda dos Bens Nacionais, a Quinta de Santa Cruz foi adquirida no ano de 1885 pela Câmara Municipal. Em 1889 foi projetada a abertura de uma artéria que unisse o fundo ao cimo do vale, do qual surgiu a Avenida Sá da Bandeira. Ao longo deste espaço os lotes foram vendidos em hasta pública, tendo surgido prédios de habitação e rendimento, de ambos os lados da rua, dando ênfase a uma fase importante da vida cidadina, que se prolongou até às primeiras décadas do século XX. Foi então nesta rua, que além de outras habitações e associações, se inseriu a Escola Central (fig.3)<sup>109</sup>.

Decorria o ano de 1905 na cidade de Coimbra, quando a “Direção de Construções Escolares”<sup>110</sup> pediu autorização para a construção da Escola Primária Central, atualmente designada como Escola Básica do 1º Ciclo de Santa Cruz, na avenida da cidade, mais

---

<sup>104</sup> ANACLETO, Regina – O Coreto do Parque Dr. Manuel Braga em Coimbra. *Mundo da Arte*. Coimbra: Imprensa de Coimbra. n.º14 (1983). p. 24.

<sup>105</sup> ANACLETO, Regina – O Coreto do Parque Dr. Manuel Braga em Coimbra. *Mundo da Arte*. Coimbra: Imprensa de Coimbra. n.º14 (1983). p. 24.

<sup>106</sup> PIMENTA, Paulo Sérgio Pereira – *A Escola Portuguesa: Do “Plano dos Centenários” À Construção da Rede Escolar no Distrito de Vila Real*. Braga: [s.n.], 2006. Tese de Mestrado. p. 21.

<sup>107</sup> PIMENTA, Paulo Sérgio Pereira – *A Escola Portuguesa: Do “Plano dos Centenários” À Construção da Rede Escolar no Distrito de Vila Real*. Braga: [s.n.], 2006. Tese de Mestrado. p. 28.

<sup>108</sup> PIMENTA, Paulo Sérgio Pereira – *A Escola Portuguesa: Do “Plano dos Centenários” À Construção da Rede Escolar no Distrito de Vila Real*. Braga: [s.n.], 2006. Tese de Mestrado. p. 28.

<sup>109</sup> BORGES, Nelson Correia – *Coimbra e Região*. Lisboa: Presença, 1987. p. 116.

<sup>110</sup> PARREIRA, Inês Catarina Arromba da Silva – *O Vale de Santa Cruz de Coimbra: análise e reconstrução*. Coimbra: [s.n.], 2015. Tese de Mestrado. p. 151.



precisamente na esquina formada pela Avenida Sá da Bandeira e a Rua da Saragoça<sup>111</sup>. Para esta obra, foi designado como responsável pelo projeto, o arquiteto Arnaldo Redondo Adães Bermudes. A construção teve início em 1907, e a 19 de maio de 1910 foi realizada a sua inauguração<sup>112</sup>.

A Escola Primária (fig.4) é detentora de uma planta em forma de “L”, que acompanha a esquina formada pelas duas ruas. A fachada principal, e entrada do edifício, está representada no ângulo que faz a ligação entre os dois corpos do edifício. A porta principal é ladeada por duas colunas, e encimada por um frontão triangular, estando esta parte rematada por um arco de círculo, onde se encontra incorporado um relógio. O corpo mais longo do edifício, localizado na Rua da Saragoça acompanha o declive da rua, contendo um piso térreo. O edifício é constituído por 3 pisos, nos quais as janelas se encontram em simetria, sendo que, as do piso térreo são gradeadas, as do primeiro piso apresentam um remate retilíneo, e por último, as do segundo piso incorporam um remate curvo.

Desde o início do século XX que a cidade de Coimbra começa a modificar a entrada da cidade, o Largo da Portagem. Este espaço era o cartão de visita e ponto de passagem obrigatória de todos quantos se dirigiam à cidade. Essa evolução é visível através da história e análise que irá ser realizada nos próximos quatro edifícios, todos próximos uns dos outros, construídos consecutivamente, e que de certa forma serviam a população, quer em forma de banco, hotéis e como estação ferroviária.

A Agência do Banco de Portugal em Coimbra (fig.5) teve, até pelo menos ao final da I Guerra Mundial, a função de único apoio ao comércio e indústrias locais, não sendo este suficiente para dar resposta à necessidade da procura coimbrã, tendo o crédito privado um papel significativo até cerca de 1920<sup>113</sup>.

A Agência do Banco de Portugal em Coimbra fica situada no Largo da Portagem, e é uma obra do arquiteto Adães Bermudes, tendo a mesma sido aprovada em 1909, e a sua inauguração decorrido em novembro de 1912<sup>114</sup>.

---

<sup>111</sup> PARREIRA, Inês Catarina Arromba da Silva – *O Vale de Santa Cruz de Coimbra: análise e reconstituição*. Coimbra: [s.n.], 2015. Tese de Mestrado. p. 151.

<sup>112</sup> PARREIRA, Inês Catarina Arromba da Silva – *O Vale de Santa Cruz de Coimbra: análise e reconstituição*. Coimbra: [s.n.], 2015. Tese de Mestrado. p. 151.

<sup>113</sup> MENDES, José Maria Amado – *Coimbra no Primeiro Quartel do Século XX. Biblos*. Coimbra. Vol. LX, (1984). p. 393.

<sup>114</sup> DAMÁSIO, Diogo Filipe Monteiro – *Arquitetura do Banco de Portugal: Evolução dos projetos para a sede, filial e agências do Banco de Portugal (1846-1955)*. Coimbra: [s.n.], 2013. Tese de Mestrado. p. 63.

O edifício, marcado por um ecletismo de influência francesa, é constituído por três pisos, mas apenas dois são visíveis através da fachada principal, uma vez que o último piso, sendo inferior, apenas é visível nas traseiras do edifício, devido ao declive do terreno onde o mesmo se encontra implementado<sup>115</sup>.

Adães Bermudes criou uma fachada principal composta por três partes, sendo as mesmas separadas por largas pilastras em pedra, que acabam por sobressair na fachada, e estando ornamentadas com diferentes elementos decorativos, principalmente no que diz respeito ao piso superior<sup>116</sup>. Na entrada principal destaca-se uma porta larga que inclui por cima uma moldura em arco, sendo a mesma ladeada por uma janela com gradeamento retangular em ambos os lados, possuindo pequenos óculos também gradeados<sup>117</sup>. No piso superior encontram-se três janelas gradeadas, que ocupam toda a parte central e são divididas por colunelos, sendo que, por cima destas janelas se encontra uma arquitrave com a inscrição “Agência do Banco de Portugal”. Este conjunto é rematado por um frontão trabalhado em pedra, que reúne diversas esculturas, e onde se encontra aplicado um relógio circular, sendo que toda a fachada central do edifício culmina com uma cúpula<sup>118</sup>. Do lado direito da fachada principal, encontra-se uma janela em cada piso, sendo a do piso superior retangular e a inferior com o topo semi-circular. Por outro lado, a parte esquerda do edifício destaca-se pela sua volumetria cilíndrica, que acaba por fazer a transição da fachada principal para a fachada lateral, permitindo assim uma leitura global das fachadas mais expostas do edifício<sup>119</sup>.

Na fachada lateral (fig.6) é de salientar o declive do terreno, em que acresce ao edifício uma cota inferior, dando lugar a dois pisos. Na zona de cota inferior do edifício, este está de novo com uma parte da volumetria reduzida a dois pisos, sendo que uma parte do terceiro é utilizada para dar lugar a um terraço com vista para as traseiras do edifício<sup>120</sup>.

A fachada posterior apresenta semelhanças com a fachada principal, dividindo-se em três partes. A parte central corresponde a uma porção mais larga, constituída por três

---

<sup>115</sup> DAMÁSIO, Diogo Filipe Monteiro – *Arquitetura do Banco de Portugal: Evolução dos projetos para a sede, filial e agências do Banco de Portugal (1846-1955)*. Coimbra: [s.n.], 2013. Tese de Mestrado. p. 63.

<sup>116</sup> DAMÁSIO, Diogo Filipe Monteiro – *Arquitetura do Banco de Portugal: Evolução dos projetos para a sede, filial e agências do Banco de Portugal (1846-1955)*. Coimbra: [s.n.], 2013. Tese de Mestrado. p. 63.

<sup>117</sup> DAMÁSIO, Diogo Filipe Monteiro – *Arquitetura do Banco de Portugal: Evolução dos projetos para a sede, filial e agências do Banco de Portugal (1846-1955)*. Coimbra: [s.n.], 2013. Tese de Mestrado. p. 63.

<sup>118</sup> DAMÁSIO, Diogo Filipe Monteiro – *Arquitetura do Banco de Portugal: Evolução dos projetos para a sede, filial e agências do Banco de Portugal (1846-1955)*. Coimbra: [s.n.], 2013. Tese de Mestrado. p. 63.

<sup>119</sup> DAMÁSIO, Diogo Filipe Monteiro – *Arquitetura do Banco de Portugal: Evolução dos projetos para a sede, filial e agências do Banco de Portugal (1846-1955)*. Coimbra: [s.n.], 2013. Tese de Mestrado. p. 63.

<sup>120</sup> DAMÁSIO, Diogo Filipe Monteiro – *Arquitetura do Banco de Portugal: Evolução dos projetos para a sede, filial e agências do Banco de Portugal (1846-1955)*. Coimbra: [s.n.], 2013. Tese de Mestrado. p. 63.

janelas por piso. As partes laterais são formadas apenas por duas janelas, também por piso, sendo que na parte direita uma delas é substituída por uma porta<sup>121</sup>.

Do ponto de vista central o edifício é composto por uma abertura em pátio no piso superior. O interior do edifício é marcado por uma dinâmica em ambos os pisos, através da claraboia, sendo esta constituída por ferro e vidro. A restante cobertura do edifício, à exceção da cúpula é constituída por madeira e cobertura em telha<sup>122</sup>.

É por volta de 1923 que o arquiteto Raul Lino volta a Coimbra, desta feita para projetar o seu último edifício de que há referência na cidade, embora o arquiteto não tenha deixado de estar ligado à cidade. Refiro-me à realização do projeto do Palace Hotel Estrela, cujas obras se iniciaram em maio de 1923<sup>123</sup>. O edifício estava destinado a aproveitar em certa parte o espaço que anteriormente acolheu o Colégio de Santo António da Estrela, e que à data se encontrava em ruínas. Deste espaço seriam “conservadas a parte ainda existente do claustro e a torre que se avista do Largo Bombarda, uma e outra convenientemente restauradas”<sup>124</sup>. Na verdade, a construção do hotel nunca se concretizou na totalidade, e só mais tarde, em 1925, já sob a propriedade do Dr. Ângelo da Fonseca, as obras foram retomadas, mas com outra finalidade. Raul Lino foi então chamado a intervir na alteração da planta do hotel para dar corpo ao projeto da casa particular do mesmo Dr. Ângelo da Fonseca (fig.7)<sup>125</sup>.

O novo projeto, iniciado em 1925, estaria concluído em meados de 1928, altura em que foi pedida a vistoria ao prédio<sup>126</sup>. O edifício encontra-se então em “plena encosta da Alta, na linha da antiga Couraça ou muralha, olhando o rio”<sup>127</sup>. Este local teria sido chamado de “sítio da Estrela” onde se encontrava a torre de Belcouce, posteriormente foi um colégio franciscano, e mais tarde uma fábrica de massas que foi destruída num

---

<sup>121</sup> DAMÁSIO, Diogo Filipe Monteiro – *Arquitetura do Banco de Portugal: Evolução dos projetos para a sede, filial e agências do Banco de Portugal (1846-1955)*. Coimbra: [s.n.], 2013. Tese de Mestrado. p. 63.

<sup>122</sup> DAMÁSIO, Diogo Filipe Monteiro – *Arquitetura do Banco de Portugal: Evolução dos projetos para a sede, filial e agências do Banco de Portugal (1846-1955)*. Coimbra: [s.n.], 2013. Tese de Mestrado. p. 63.

<sup>123</sup> CRAVEIRO, Lurdes – Raul Lino em Coimbra. *Mundo da Arte*. Coimbra: Imprensa Coimbra. n.º14 (1983). p. 39.

<sup>124</sup> CRAVEIRO, Lurdes – Raul Lino em Coimbra. *Mundo da Arte*. Coimbra: Imprensa Coimbra. n.º14 (1983). p. 39.

<sup>125</sup> CRAVEIRO, Lurdes – Raul Lino em Coimbra. *Mundo da Arte*. Coimbra: Imprensa Coimbra. n.º14 (1983). p. 39.

<sup>126</sup> CRAVEIRO, Lurdes – Raul Lino em Coimbra. *Mundo da Arte*. Coimbra: Imprensa Coimbra. n.º14 (1983). p. 39.

<sup>127</sup> FERNANDES, José Manuel – Duas obras do início do século XX na entrada de Coimbra: do Hotel Astória à Casa Ângelo da Fonseca. *Monumentos: revista semestral de edifícios e monumentos*. Lisboa. ISSN 0872-8747. n.º 25(2006). p. 164.

incêndio em 1895<sup>128</sup>. Uma vez que Raul Lino já conhecia o espaço, devido a ter realizado o projeto para o que iria ser o Palace Hotel Estrela, optou também, no caso da casa particular do Dr. Ângelo da Fonseca, por valorizar e manter alguns elementos existentes com valor histórico e estético, como é o caso da “torre histórica, as pedras de cunhal lavradas, a arquitetura do antigo claustro, o portal da rua da Estrela (para a entrada da Couraça), a cimalha da cantaria antiga”<sup>129</sup>. Através do torreão abrem-se semi-pátios emoldurados por arcadas, rematando o edifício com cornijas e pináculos<sup>130</sup>. O resultado desta obra é observado através da entrada da cidade, a partir do Largo da Portagem, onde se visualiza “uma boa integração de volumes na encosta edificada, sem deixar de afirmar a nova personalidade edílica do que pretendia ser, inicialmente um hotel aberto à urbe, com sofisticados acessos por elevador, desde a entrada baixa, na rampa junto à Portagem, até ao cimo”<sup>131</sup>.

Com vista sobre o Mondego, esta habitação sediou as instalações do Governo Civil de Coimbra<sup>132</sup>. Depois de ter passado por vários edifícios, é a 1 de setembro de 1952 que o Governo Civil de Coimbra celebra contrato de arrendamento com a Sra. D. Ângela Maria Vilamoura da Fonseca Rochete, esposa do Dr. Ângelo da Fonseca, e na altura proprietária do edifício<sup>133</sup>. No ano de 2013, José Miguel Caeiro, bisneto do Dr. Ângelo da Fonseca, dá uma entrevista ao Diário de Coimbra sobre o facto do Governo Civil deixar de reter as suas funções no palacete. José Miguel Caeiro refere que a casa se encontrava bem preservada, tendo a mesma sido alvo de sucessivas obras de conservação, destacando o funcionamento do elevador, “um dos primeiros naquela altura” e que ainda se encontrava em funcionamento<sup>134</sup>.

---

<sup>128</sup> FERNANDES, José Manuel – Duas obras do início do século XX na entrada de Coimbra: do Hotel Astória à Casa Ângelo da Fonseca. *Monumentos: revista semestral de edifícios e monumentos*. Lisboa. ISSN 0872-8747. n.º 25(2006), p. 168.

<sup>129</sup> PEREIRA, Paulo Alexandre Alves Barroso Manta – *Raul Lino – Arquitetura e Paisagem (1900-1948)*. Lisboa: [s.n.], 2012. Tese de Doutoramento. p. 158.

<sup>130</sup> FERNANDES, José Manuel – Duas obras do início do século XX na entrada de Coimbra: do Hotel Astória à Casa Ângelo da Fonseca. *Monumentos: revista semestral de edifícios e monumentos*. Lisboa. ISSN 0872-8747. n.º 25(2006). p. 168.

<sup>131</sup> FERNANDES, José Manuel – Duas obras do início do século XX na entrada de Coimbra: do Hotel Astória à Casa Ângelo da Fonseca. *Monumentos: revista semestral de edifícios e monumentos*. Lisboa. ISSN 0872-8747. n.º 25(2006). p. 168.

<sup>132</sup> CRAVEIRO, Lurdes – Raul Lino em Coimbra. *Mundo da Arte*. Coimbra: Imprensa Coimbra. n.º14 (1983). p. 40.

<sup>133</sup> Diário de Coimbra. *Palacete do Governo Civil foi casa de Ângelo da Fonseca*. Coimbra. (2013). [consultado 15 abril 2018].

<sup>134</sup> Diário de Coimbra. *Palacete do Governo Civil foi casa de Ângelo da Fonseca*. Coimbra. (2013). [consultado 15 abril 2018].

Raul Lino representa na sua arquitetura o gosto pelo ambiente e, a vontade de integrar a paisagem no local<sup>135</sup>. É defensor de uma transversalidade funcional, protegendo a ideia de que é possível um edifício albergar diferentes tipos de função, não sendo necessário ser alterada a sua estrutura. Esta versatilidade de instalações no mesmo edifício comprova a “ideia de continuidade da arquitetura independentemente da função” defendida pelo arquiteto<sup>136</sup>. Esta teoria de Raul Lino está patente no projeto da casa do Dr. Ângelo da Fonseca, uma vez que antes de ser casa foi também projeto de hotel, teve em si sediado o Governo Civil de Coimbra, sem ter sido necessário qualquer tipo de obra de adaptação do espaço.<sup>137</sup>

No ano de 2013, aquando da entrevista de José Miguel Caeiro, muitas eram as dúvidas de qual seria o destino do edifício. Atualmente conhece-se a decisão tomada sobre o mesmo, uma vez que neste local está em funções um novo espaço de habitação turística, designado por Coimbra Portagem Hostel. A publicidade do espaço aproveita a decoração original do seu interior de forma a ser mais apelativa ao visitante, oferecendo uma vista ímpar sobre a cidade de Coimbra. A sua localização possibilita ao turista estar num local que permite um fácil acesso a toda a restante cidade, bem como a ligação à outra margem do Mondego. Mais uma prova da versatilidade de instalações no mesmo edifício que Raul Lino defendia.

O Hotel Astória (fig.8) fica situado na Avenida Emídio Navarro, número 21, e é uma obra do arquiteto Francisco Oliveira Ferreira, tendo sido projetado entre 1925 e 1929<sup>138</sup>. O edifício “remete para evocação de uma arquitetura de desenho eclético, de gosto parisiense, com desejado efeito mundano e cosmopolita”<sup>139</sup>.

Este edifício foi inicialmente construído sob o projeto do arquiteto Adães Bermudes para o funcionamento da Companhia de Seguros “A Nacional”, tendo sido, dez anos mais tarde, transformada em hotel, o qual se mantém até à atualidade. O edifício do hotel (fig.9), sendo a sua autoria atribuída ao arquiteto Francisco Oliveira Ferreira, é

---

<sup>135</sup> PEREIRA, Paulo – *História da Arte Portuguesa*. Edição nº 4127. Lisboa: Temas e Debates, 1995. p. 515.

<sup>136</sup> PEREIRA, Paulo Alexandre Alves Barroso Manta – *Raul Lino – Arquitetura e Paisagem (1900-1948)*. Lisboa: [s.n.], 2012. Tese de Doutoramento. p. 159.

<sup>137</sup> PEREIRA, Paulo Alexandre Alves Barroso Manta – *Raul Lino – Arquitetura e Paisagem (1900-1948)*. Lisboa: [s.n.], 2012. Tese de Doutoramento. p. 159.

<sup>138</sup> FERNANDES, José Manuel – Duas obras do início do século XX na entrada de Coimbra: do Hotel Astória à Casa Ângelo da Fonseca. *Monumentos: revista semestral de edifícios e monumentos*. Lisboa. ISSN 0872-8747. nº 25(2006). p. 164.

<sup>139</sup> FERNANDES, José Manuel – Duas obras do início do século XX na entrada de Coimbra: do Hotel Astória à Casa Ângelo da Fonseca. *Monumentos: revista semestral de edifícios e monumentos*. Lisboa. ISSN 0872-8747. nº 25(2006). p. 164.

detentor de uma planta retangular irregular, em gaveto, contendo remates em cornija. Na fachada principal, constituída pelo torreão de cobertura em cúpula, surge um conjunto de cantarias que trazem dinamismo e um jogo volumétrico e decorativo ao edifício. O hotel é composto por sete pisos, incluindo cave e sótão, sendo que, a Sul se encontra a parte original mais decorada, distinguindo-se da parte Norte, mais recente e simples. A fachada principal virada para Oeste, na parte mais antiga, possui uma porta giratória, constituída por metal e vidro. Por sua vez, na parte mais recente, destacam-se os vãos maioritariamente retilíneos<sup>140</sup>. É de destacar a presença da influência da arte nova no interior do edifício, onde é notória a utilização de motivos florais, com linhas curvas onde é refletida uma panorâmica que é alusiva à vida vegetal. O edifício foi também pioneiro na utilização da luz elétrica de forma a representar a sua temática.

A Estação Nova, Coimbra A (fig.10), encontra-se junto à margem direita do Rio Mondego, na Avenida Navarro, muito próxima do Largo da Portagem, ponto de passagem diária da população. Sendo a estação central da terceira cidade do país, revestia-se de uma enorme importância e, “devia assumir, na rede nacional, uma posição hierárquica que a colocava imediatamente após os edifícios das estações de St.<sup>a</sup> Apolónia e Rossio, em Lisboa, e S. Bento, no Porto”<sup>141</sup>.

As primeiras instalações da estação ferroviária foram construídas provisoriamente em madeira, um piso térreo para auxiliar os passageiros, e também um cais em madeira para as mercadorias<sup>142</sup>. Em torno da estação começaram a ser instaladas construções que estariam ligadas direta ou indiretamente à atividade ferroviária ali realizada. De entre estas atividades, são de destacar a construção do Hotel Astória, o Hotel Bragança, e ainda a instalação de fábricas e armazéns, de entre os quais a Ideal (confeções) ou a Triunfo (massas e bolachas), sendo que estes dois últimos edifícios já se encontram fechados<sup>143</sup>.

O novo “Edifício de Passageiros da Estação de Coimbra – Cidade”, e aquele que ainda hoje podemos visitar, foi então instalado no mesmo local das antigas instalações provisórias em madeira<sup>144</sup>. O projeto do novo edifício foi exposto publicamente a

---

<sup>140</sup> SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. Lisboa. [consultado 5 julho 2018]. Disponível em [http://www.monumentos.gov.pt/site/app\\_pagesuser/SIPA.aspx?id=20931](http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=20931)

<sup>141</sup> MARTINS, João Paulo do Rosário – *Cottinelli Telmo/ 1897-1948 a obra do arquiteto*. Lisboa: [s.n.], 1995. Dissertação de Mestrado. p. 111.

<sup>142</sup> ALVES, Rui Manuel Vaz – *Arquitetura, Cidade e Caminho de Ferro: As transformações urbanas planeadas sob a influência do caminho de ferro*. Coimbra: [s.n.], 2015. Tese de Doutoramento. p. 239.

<sup>143</sup> ALVES, Rui Manuel Vaz – *Arquitetura, Cidade e Caminho de Ferro: As transformações urbanas planeadas sob a influência do caminho de ferro*. Coimbra: [s.n.], 2015. Tese de Doutoramento. p. 239.

<sup>144</sup> ALVES, Rui Manuel Vaz – *Arquitetura, Cidade e Caminho de Ferro: As transformações urbanas planeadas sob a influência do caminho de ferro*. Coimbra: [s.n.], 2015. Tese de Doutoramento. p. 240.

primeira vez, em 16 de agosto de 1923<sup>145</sup>, tendo sido desenvolvido por Cottinelli Telmo e Luís da Cunha<sup>146</sup>. As obras da nova estação tiveram início ainda em 1923, tendo ficado o engenheiro António Pedro como encarregado de dirigir os trabalhos. Após alguns acordos e desacordos entre a “Cidade” e a CP, a estação acabou por ser inaugurada a 15 de março de 1931<sup>147</sup>.

A Estação Ferroviária Coimbra- A (fig.11) consiste numa planta em U, organizada por três volumes<sup>148</sup>. A fachada principal encontra-se virada para a Avenida Navarro, sendo o ponto de recolhimento dos passageiros. Nesta fachada destaca-se a sua cobertura em metal e vidro<sup>149</sup>, sendo constituída por um único piso, e um pé-direito que equivale “aos dois níveis dos volumes laterais”<sup>150</sup>. João Paulo Martins define a entrada principal como “um conjunto de três portas idênticas, rematadas superiormente em arco de círculo, com um grande relógio, a eixo, coroando o volume”<sup>151</sup>. Nas laterais do edifício foram construídos dois volumes que auxiliam o cais. Do lado da Baixa surge um tramo destinado ao serviço de bagagens e mercadorias, com uma frente mais cuidada. No lado oposto, junto ao Rio Mondego, surge um terceiro volume de apoio ao cais, mais curto que o que lhe é paralelo, com um exterior mais sóbrio e opaco<sup>152</sup>. A ligação dos três volumes é formada através de torreões de planta circular que harmonizam o edifício<sup>153</sup>. O edifício destaca uma característica da modernidade (uma estação), revestida de um vocabulário historicista, o que é bem representativo das tensões entre tradição e modernidade que transitam do século XIX para o XX.

No ano de 1926, a Estação Telégrafo-Postal de Coimbra foi destruída por um incêndio<sup>154</sup>. No mesmo espaço, foi em 1939 inaugurado o Edifício dos Correios (CTT)

---

<sup>145</sup> ALVES, Rui Manuel Vaz – *Arquitetura, Cidade e Caminho de Ferro: As transformações urbanas planeadas sob a influência do caminho de ferro*. Coimbra: [s.n.], 2015. Tese de Doutoramento. p. 240.

<sup>146</sup> MARTINS, João Paulo do Rosário – *Cottinelli Telmo/ 1897-1948 a obra do arquiteto*. Lisboa: [s.n.], 1995. Dissertação de Mestrado. p. 113.

<sup>147</sup> ALVES, Rui Manuel Vaz – *Arquitetura, Cidade e Caminho de Ferro: As transformações urbanas planeadas sob a influência do caminho de ferro*. Coimbra: [s.n.], 2015. Tese de Doutoramento. p. 240.

<sup>148</sup> MARTINS, João Paulo do Rosário – *Cottinelli Telmo/ 1897-1948 a obra do arquiteto*. Lisboa: [s.n.], 1995. Dissertação de Mestrado. p. 113.

<sup>149</sup> ALVES, Rui Manuel Vaz – *Arquitetura, Cidade e Caminho de Ferro: As transformações urbanas planeadas sob a influência do caminho de ferro*. Coimbra: [s.n.], 2015. Tese de Doutoramento. p. 241.

<sup>150</sup> MARTINS, João Paulo do Rosário – *Cottinelli Telmo/ 1897-1948 a obra do arquiteto*. Lisboa: [s.n.], 1995. Dissertação de Mestrado. p. 113.

<sup>151</sup> MARTINS, João Paulo do Rosário – *Cottinelli Telmo/ 1897-1948 a obra do arquiteto*. Lisboa: [s.n.], 1995. Dissertação de Mestrado. p. 114.

<sup>152</sup> MARTINS, João Paulo do Rosário – *Cottinelli Telmo/ 1897-1948 a obra do arquiteto*. Lisboa: [s.n.], 1995. Dissertação de Mestrado. p. 113.

<sup>153</sup> MARTINS, João Paulo do Rosário – *Cottinelli Telmo/ 1897-1948 a obra do arquiteto*. Lisboa: [s.n.], 1995. Dissertação de Mestrado. p. 113.

<sup>154</sup> PARREIRA, Inês Catarina Arromba da Silva – *O Vale de Santa Cruz de Coimbra: análise e reconstrução*. Coimbra: [s.n.], 2015. Tese de Mestrado. p. 167.

que substituíra o que havia sido destruído<sup>155</sup>, sendo a nova estação dos CTT (fig.12) da autoria do arquiteto Amílcar Pinto<sup>156</sup>.

No campo da arte, Amílcar Pinto “viveu a polémica “tradicional *versus* moderno”, acompanhou o movimento da “casa portuguesa”, para depois alinhar num “efémero modernismo”; ou ainda participar no esforço de progresso nos equipamentos públicos de um Estado que se afirmava Novo”<sup>157</sup>.

A fachada do edifício é composta por três corpos e aproxima-se dos modelos clássicos, como é realçado pelo desenho das grandes janelas ou nas colunas da entrada<sup>158</sup>. Os desenhos das portas e das caixilharias levam o edifício a um registo “*déco*”, e os motivos geometrizes do telhado plano, e o entablamento em forma de muro, aproximam o edifício a uma linguagem moderna<sup>159</sup>.

Tanto a estação dos CTT de Coimbra como a de Viseu revelam uma grande afinidade, mas embora sendo do mesmo autor, ainda se encontram diferenças ao nível do desenho e da volumetria<sup>160</sup>. Uma vez não disponíveis as plantas da estação de Coimbra, é através de uma fotografia do seu interior que se pode supor que exista uma “sala do público” de forma retangular semelhante à estação de Viseu<sup>161</sup>. “O levantamento do existente da planta do rés-do-chão faz imaginar ainda uma organização do espaço muito semelhante entre as duas estações. No segundo piso, estamos em crer que numa ala se localizariam serviços técnicos e espaços comuns (como o refeitório) e numa outra a habitação para as chefias, existente por norma nestes projectos”<sup>162</sup>. O edifício apresenta influência de *art déco*, dando destaque ao letreiro representado na fachada do edifício, bem como à saliência e recorte geométrico da sua fachada depurada.

A chegada da filial da Caixa Geral de Depósitos (CGD) à cidade de Coimbra veio auxiliar a indústria coimbrã que se encontrava debilitada ao nível de entidades bancárias.

---

<sup>155</sup> PARREIRA, Inês Catarina Arromba da Silva – *O Vale de Santa Cruz de Coimbra: análise e reconstrução*. Coimbra: [s.n.], 2015. Tese de Mestrado. p. 167.

<sup>156</sup> NORAS, José Raimundo – *Amílcar Pinto: um Arquitecto Português do século XX*. Coimbra: [s.n.], 2011. Tese de Mestrado. p. 112.

<sup>157</sup> NORAS, José Raimundo – *Amílcar Pinto: um Arquitecto Português do século XX*. Coimbra: [s.n.], 2011. Tese de Mestrado. p. 8.

<sup>158</sup> NORAS, José Raimundo – *Amílcar Pinto: um Arquitecto Português do século XX*. Coimbra: [s.n.], 2011. Tese de Mestrado. p. 112.

<sup>159</sup> NORAS, José Raimundo – *Amílcar Pinto: um Arquitecto Português do século XX*. Coimbra: [s.n.], 2011. Tese de Mestrado. p. 112.

<sup>160</sup> NORAS, José Raimundo – *Amílcar Pinto: um Arquitecto Português do século XX*. Coimbra: [s.n.], 2011. Tese de Mestrado. p. 110.

<sup>161</sup> NORAS, José Raimundo – *Amílcar Pinto: um Arquitecto Português do século XX*. Coimbra: [s.n.], 2011. Tese de Mestrado. p. 113.

<sup>162</sup> NORAS, José Raimundo – *Amílcar Pinto: um Arquitecto Português do século XX*. Coimbra: [s.n.], 2011. Tese de Mestrado. p. 113.



Foi através da CGD que algumas das indústrias conseguiram, por meio do crédito industrial, o capital necessário para a primeira fase da sua instalação na cidade<sup>163</sup>.

A filial da Caixa Geral de Depósitos na cidade de Coimbra abriu a 2 de janeiro de 1914, estando sediada primeiramente na Rua Ferreira Borges. Já no final do ano de 1917, o edifício que albergava esta instituição ameaçava ruir, tendo sido necessário procurar uma solução para realizar a sua transferência para outro local<sup>164</sup>. Assim, no dia 26 de julho de 1918 foi adquirido um novo edifício, onde se encontrava o Hotel Avenida, na Avenida Emídio Navarro, sendo a transferência para este novo edifício realizada a 3 de outubro de 1918<sup>165</sup>. A 20 de outubro de 1935, foi realizada pelo engenheiro Francisco Maria Henriques uma inspeção à filial da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência (CGDCP)<sup>166</sup> de Coimbra, tendo verificado que devido à construção descuidada do edifício, o mesmo estava a caminhar para uma degradação contínua, correndo o risco de uma derrocada<sup>167</sup>. Como instalação provisória foi então adquirido em meados de 1939 um imóvel na Praça do Comércio, tendo o mesmo sofrido algumas obras de melhoramento e adaptação aos serviços, estando concluído em agosto de 1940. A filial estaria nas suas instalações provisórias na Praça do Comércio durante alguns anos, sendo que, o edifício seria vendido em hasta pública no final do ano de 1954, após terem sido transferidos os serviços para um novo edifício, construído de raiz, na Rua da Sofia<sup>168</sup>.

A 22 de outubro de 1943, António Castro Pina, delegado e presidente da Comissão Administrativa das Obras da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência (CAOCGDCP) – Comissão criada no seio da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais para a construção de agências e filiais da CGDCP - manifesta o seu parecer e concordância em relação ao novo edifício da filial de Coimbra se instalar “junto à Praça 8 de Maio, no cruzamento da Rua da Sofia com a Avenida Olímpio Fernandes, com frente

---

<sup>163</sup> MENDES, José Maria Amado – Coimbra no Primeiro Quartel do Século XX. *Biblos*. Coimbra. Vol. LX, (1984). p. 394.

<sup>164</sup> BRITES, Joana – *Arquitectura da CGDCP: Filiais e Agências da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência (1929-1970)*. Lisboa: Prosafeita, 2014. p. 120

<sup>165</sup> BRITES, Joana – *Arquitectura da CGDCP: Filiais e Agências da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência (1929-1970)*. Lisboa: Prosafeita, 2014. p. 120

<sup>166</sup> No ano de 1929 a Caixa Geral de Depósitos, em virtude da reestruturação operada na instituição por António de Oliveira Salazar, passa a designar-se Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência. BRITES, Joana – *O Capital da Arquitectura: Estado Novo, Arquitectos e Caixa Geral de Depósitos (1929-1970)*. Lisboa: Prosafeita, 2014. p. 49.

<sup>167</sup> BRITES, Joana – *Arquitectura da CGDCP: Filiais e Agências da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência (1929-1970)*. Lisboa: Prosafeita, 2014. p. 120

<sup>168</sup> BRITES, Joana – *Arquitectura da CGDCP: Filiais e Agências da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência (1929-1970)*. Lisboa: Prosafeita, 2014. p. 121

também para a Rua Pedro da Rocha”<sup>169</sup>. Para a realização desta obra foi necessária a expropriação de vários edifícios que neste espaço se encontravam, tendo a mesma sido autorizada pelo ministro das Obras Públicas e Comunicações, Duarte Pacheco.

Em agosto de 1947 já se encontrava preparado a anteprojeto do edifício da filial da CGDCP de Coimbra que se iria erguer de raiz, sob a autoria de António Maria Veloso Reis Camelo, tendo o mesmo sofrido alguns reparos e modificações<sup>170</sup>. Em julho de 1953, estando as obras finais do edifício a decorrer, o presidente da Câmara, José Maria Cardoso, faz chegar um ofício junto do diretor geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, onde refere, “Está prestes a terminar a construção do edifício da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, de Coimbra, e a verdade é que as suas proporções e o seu aspecto arquitectónico não têm, de forma alguma, agradado ao público culto desta cidade”<sup>171</sup>. Mesmo com esta apreciação do presidente da Câmara, o edifício estaria terminado em fevereiro de 1954, e a sua inauguração foi realizada a 23 de agosto de 1954<sup>172</sup>.

As filiais da CGDCP, tal como a de Coimbra (fig.13), construídas nas décadas de 1940 e 1950 tinham como ideal arquitetónico uma construção atual, capaz de, simultaneamente, apresentar o nível de representação e dignidade que esta tipologia (a bancária) exigia e, também, se adaptar ao que se percecionava como sendo a “paisagem” ou o “carácter” do país<sup>173</sup>. O edifício de Coimbra apresenta um vocabulário clássico e estilizado, comum nesta tipologia, pela necessidade de representar segurança, poder e estabilidade. Caracteriza-se por vãos com molduras simples, fachadas de enorme regularidade, limpidez e austeridade, bem como, pela utilização de grades em ferro forjado utilizadas na proteção das janelas do piso térreo. A sua fachada imponente destaca-se através de dez colunas que remetem à antiguidade clássica<sup>174</sup>.

Enquanto que na Baixa se projetava e construía a filial do banco do Estado, na Alta avançava a construção da cidade universitária idealizada pelo regime e que viria a

---

<sup>169</sup> BRITES, Joana – *Arquitectura da CGDCP: Filiais e Agências da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência (1929-1970)*. Lisboa: Prosafeita, 2014. p. 123.

<sup>170</sup> BRITES, Joana – *Arquitectura da CGDCP: Filiais e Agências da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência (1929-1970)*. Lisboa: Prosafeita, 2014. p. 124.

<sup>171</sup> BRITES, Joana – *Arquitectura da CGDCP: Filiais e Agências da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência (1929-1970)*. Lisboa: Prosafeita, 2014. p. 132.

<sup>172</sup> BRITES, Joana – *Arquitectura da CGDCP: Filiais e Agências da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência (1929-1970)*. Lisboa: Prosafeita, 2014. p. 132.

<sup>173</sup> BRITES, Joana – *O Capital da Arquitectura: Estado Novo, Arquitectos e Caixa Geral de Depósitos (1929-1970)*. Lisboa: Prosafeita, 2014. p. 267.

<sup>174</sup> BRITES, Joana – *O Capital da Arquitectura: Estado Novo, Arquitectos e Caixa Geral de Depósitos (1929-1970)*. Lisboa: Prosafeita, 2014. p. 269.

constituir a intervenção mais radical, em termos urbanísticos e arquitetónicos do Estado Novo. No decorrer dos anos de 1941 e 1942, Cottinelli Telmo, arquiteto chefe da Comissão Administrativa do Plano de Obras da Cidade Universitária de Coimbra, riscou o plano da Cidade Universitária de Coimbra. No quadro desta intervenção projetaram-se no sopé da colina as instalações da Associação Académica de Coimbra (fig.14)<sup>175</sup>. A escolha do local para a edificação do novo edifício da Associação não foi de todo unânime. O processo teve início aquando das obras de expansão da Cidade Universitária, porém viria a ser um dos últimos edifícios a serem edificados<sup>176</sup>. Para a elaboração deste projeto foi contratado Alberto José Pessoa, juntamente com o arquiteto e pintor João Abel Manta, e numa fase inicial, também Norberto Correia<sup>177</sup>.

As novas instalações da Associação Académica (AAC) precisavam de corresponder ao crescimento gradual da mesma, e já em meados dos anos quarenta se falava sobre a construção ser realizada no Ninho dos Pequeninos, junto à Praça da República, mas esta escolha só se começou a impor em 1951, sendo que só três anos mais tarde é que a decisão se tornava definitiva, tendo a sua construção sido iniciada em 1957<sup>178</sup>. A área de implantação da nova Associação Académica seria então restringida ao espaço limitado pela encosta, pela Rua Padre António Vieira, pela Avenida Sá da Bandeira e pela Rua de Oliveira Matos<sup>179</sup>.

Após ser facultada a opinião das diversas secções da Associação Académica, “os desejos de espaço eram confundidos com as carências de material”<sup>180</sup>, tornando-se difícil aceder a todos os pedidos, tendo Alberto Pessoa optado pela realização de um edifício de secções rigorosamente moduladas, opção que se veio a revelar extremamente eficiente, aquando da distribuição das salas<sup>181</sup>. A construção do edifício foi dividida em três partes, tendo sido iniciadas as obras pelo Corpo III, voltado para a Rua Oliveira Matos, contendo em si o restaurante e o ginásio, que posteriormente se transformou em cantina (fig.15).

---

<sup>175</sup> PINTO, Tiago André Baptista de Campos – *Cottinelli Telmo e o projeto da Cidade Universitária de Coimbra*. Lisboa: [s.n.], 2017. Tese de Mestrado. p. 80.

<sup>176</sup> PINTO, Tiago André Baptista de Campos – *Cottinelli Telmo e o projeto da Cidade Universitária de Coimbra*. Lisboa: [s.n.], 2017. Tese de Mestrado. p. 110.

<sup>177</sup> BANDEIRINHA, José António Oliveira – Conservação do Património: Edifícios Modernos As instalações Académicas de Coimbra, um caso de estudo. *Construção Magazine*. Porto. nº66 (2015). p. 20

<sup>178</sup> ROSMANINHO, Nuno – *O Poder da Arte: o Estado Novo e a cidade universitária de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2006. ISBN 9728704550. p. 610.

<sup>179</sup> BANDEIRINHA, José António Oliveira – Os Edifícios da Associação Académica e o Teatro Gil Vicente. *Monumentos*. Lisboa. ISSN 0872-8747. n.º 8 (1998).

<sup>180</sup> BANDEIRINHA, José António Oliveira – Os Edifícios da Associação Académica e o Teatro Gil Vicente. *Monumentos*. Lisboa. ISSN 0872-8747. n.º 8 (1998).

<sup>181</sup> BANDEIRINHA, José António Oliveira – Os Edifícios da Associação Académica e o Teatro Gil Vicente. *Monumentos*. Lisboa. ISSN 0872-8747. n.º 8 (1998).

Seguidamente foi construído o Corpo I, espaço que engloba as dependências da direção, a biblioteca e as diferentes secções da AAC (fig.16). E finalmente o Corpo II, iniciado em 1958 e que dispõem em si o teatro e a sala de ensaios (fig.17)<sup>182</sup>. As instalações da AAC foram globalmente inauguradas no ano de 1962<sup>183</sup>.

A Associação Académica de Coimbra, seria então vista como o “rasgo de modernidade” da expansão da Cidade Universitária<sup>184</sup>. Obra riscada por José Alberto Pessoa, e com diferença de três anos após a inauguração da Faculdade de Letras, era de esperar que o mesmo produzisse um edifício que estivesse dentro do âmbito da restante obra, e que correspondesse aos cânones clássicos monumentais utilizados durante todo o processo, mas tal não se viria a verificar<sup>185</sup>. José Bandeirinha evidencia as palavras de Eduardo Lourenço, dirigindo-se ao edifício das Instalações Académicas de Coimbra como “aquilo a que podemos chamar uma *contra-imagem*”: um conjunto funcionalista, de linguagem moderna, em oposição ao “*monolitismo*” da Cidade Universitária<sup>186</sup>.

Tiago Pinto levanta diversas questões sobre o motivo pelo qual o edifício da AAC representava uma arquitetura mais moderna, entre as quais, “Talvez porque o local de implantação do novo edifício da AAC se encontrar fora dos limites físicos da Cidade Universitária? Terá sido porque a obra se destinava em exclusividade aos estudantes, e como tal seguiu-se as correntes mais contemporâneas que proliferavam um pouco por toda a Europa? Terá sido por ter havido um “aligeirar” na imposição da, já citada, *Monumentalidade Clássica*?”<sup>187</sup>. O que é certo, é que independentemente de qual tenha sido o motivo, o edifício marca uma arquitetura “Moderna de Estilo Internacional numa obra que vinha sendo contestada ao longo da sua evolução, por se afirmar rígida e austera na sua Monumentalidade”<sup>188</sup>.

---

<sup>182</sup> ROSMANINHO, Nuno – *O Poder da Arte: o Estado Novo e a cidade universitária de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2006. ISBN 9728704550. p. 610.

<sup>183</sup> ROSMANINHO, Nuno – *O Poder da Arte: o Estado Novo e a cidade universitária de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2006. ISBN 9728704550. p. 610.

<sup>184</sup> PINTO, Tiago André Baptista de Campos – *Cottinelli Telmo e o projeto da Cidade Universitária de Coimbra*. Lisboa: [s.n.], 2017. Tese de Mestrado. p. 112.

<sup>185</sup> PINTO, Tiago André Baptista de Campos – *Cottinelli Telmo e o projeto da Cidade Universitária de Coimbra*. Lisboa: [s.n.], 2017. Tese de Mestrado. p. 112.

<sup>186</sup> BANDEIRINHA, José António Oliveira – Conservação do Património: Edifícios Modernos As instalações Académicas de Coimbra, um caso de estudo. *Construção Magazine*. Porto. nº66 (2015). p. 20.

<sup>187</sup> PINTO, Tiago André Baptista de Campos – *Cottinelli Telmo e o projeto da Cidade Universitária de Coimbra*. Lisboa: [s.n.], 2017. Tese de Mestrado. p. 113.

<sup>188</sup> PINTO, Tiago André Baptista de Campos – *Cottinelli Telmo e o projeto da Cidade Universitária de Coimbra*. Lisboa: [s.n.], 2017. Tese de Mestrado. p. 113.

Ao contrário do que acontece na Alta de Coimbra, o edifício da AAC, de planta em L, adapta-se à pendente do local onde está inserido, revelando assim “uma atitude e assertividade no seu traçado, correspondente com o Estilo Internacional”<sup>189</sup>.

Na esquina estabelecida pela Rua Oliveira Matos e a Avenida Sá da Bandeira, o edifício determina a cota altimétrica do seu piso inicial, corpo que se encontra mais próximo das Escadas Monumentais, evoluindo o mesmo juntamente com o declive topográfico, chegando a alcançar cinco pisos no corpo I, parte que se encontra adjacente à Avenida Sá da Bandeira<sup>190</sup>.

Todo o edifício da AAC funciona em relação direta com o jardim concebido pela implantação do mesmo. Sendo obra do arquiteto paisagista Manuel Cerveira<sup>191</sup>, tornou-se a personagem principal de todo o complexo<sup>192</sup>. Foram ainda concebidos pela autoria de João Abel Manta, na tentativa da idealização do equipamento funcional e decorativo do edifício, dois painéis de azulejos, um para a fachada do TAGV, e outro para a fachada junto fim das escadas monumentais<sup>193</sup>. Apenas o painel referente à fachada do TAGV (fig.18) foi colocado no local para o qual foi idealizado, uma vez que por imposição do regime o outro painel foi colocado no interior do jardim(fig.19), ficando assim mais escondido de forma a não quebrar a monumentalidade e sobriedade pretendida para a escadaria que dá acesso à entrada da cidade universitária<sup>194</sup>.

O jardim articula de forma funcional e visual os edifícios entre si, acabando por prolongar cada um dos espaços para o exterior, funcionando como o “principal espaço de encontro do conjunto”<sup>195</sup>. Os edifícios da AAC e o talude da Acrópole, juntamente com o declive do terreno, conferem uma planta triangular, que trás a este espaço uma característica de anfiteatro ao ar livre, do qual os arquitetos paisagistas tirariam proveito<sup>196</sup>. O facto de serem utilizados materiais como o betão armado na estrutura e

---

<sup>189</sup> PINTO, Tiago André Baptista de Campos – *Cottinelli Telmo e o projeto da Cidade Universitária de Coimbra*. Lisboa: [s.n.], 2017. Tese de Mestrado. p. 113.

<sup>190</sup> PINTO, Tiago André Baptista de Campos – *Cottinelli Telmo e o projeto da Cidade Universitária de Coimbra*. Lisboa: [s.n.], 2017. Tese de Mestrado. p. 113.

<sup>191</sup> BANDEIRINHA, José António Oliveira – Conservação do Património: Edifícios Modernos As instalações Académicas de Coimbra, um caso de estudo. *Construção Magazine*. Porto. nº66 (2015). p. 21.

<sup>192</sup> PINTO, Tiago André Baptista de Campos – *Cottinelli Telmo e o projeto da Cidade Universitária de Coimbra*. Lisboa: [s.n.], 2017. Tese de Mestrado. p. 114.

<sup>193</sup> BANDEIRINHA, José António Oliveira – Conservação do Património: Edifícios Modernos As instalações Académicas de Coimbra, um caso de estudo. *Construção Magazine*. Porto. nº66 (2015). p. 24.

<sup>194</sup> BANDEIRINHA, José António Oliveira – Conservação do Património: Edifícios Modernos As instalações Académicas de Coimbra, um caso de estudo. *Construção Magazine*. Porto. nº66 (2015). p. 24.

<sup>195</sup> BANDEIRINHA, José António Oliveira – Conservação do Património: Edifícios Modernos As instalações Académicas de Coimbra, um caso de estudo. *Construção Magazine*. Porto. nº66 (2015). p. 21.

<sup>196</sup> PINTO, Tiago André Baptista de Campos – *Cottinelli Telmo e o projeto da Cidade Universitária de Coimbra*. Lisboa: [s.n.], 2017. Tese de Mestrado. p. 114.

revestimento do edifício, e mesmo a relação do edifício com o exterior, representa a influência modernista neste projeto. De certa forma não estava presente “o revivalismo clássico ou a monumentalidade característica da Nova Cidade Universitária”<sup>197</sup>. Deste modo, o complexo da AAC permite compreender a lógica inclusiva que o Estado Novo adotou na arquitetura, tanto ao nível das gramáticas estilísticas que adotou ou permitiu, como ao nível dos arquitetos que contratou.

O último edifício incluído na rota permite encerrar o século XX e compreender as transformações que a arquitetura pela mão de dois arquitetos que, formado ainda durante o Estado Novo, se viriam a destacar sobretudo pela produção realizada após o fim do regime. A construção da obra, O Pavilhão Centro de Portugal (fig.20), do arquiteto Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto Moura está inserida no final do século XX e opera a viragem para o século XXI. Esta representa o pensamento de um arquiteto, Siza Vieira, que entrou em voga no final dos anos 50 início de 60, uma vez que foi aluno na Escola Superior de Belas-Artes do Porto entre 1949-1955, e mesmo antes de se licenciar já realizava projetos de habitações para a cidade do Porto<sup>198</sup>. Eduardo Souto Moura, também autor do projeto deste edifício acabou por colaborar, durante a sua carreira estudantil, entre 1974 e 1979, com Siza Vieira<sup>199</sup>. O Pavilhão Centro de Portugal faz então a ponte entre a arquitetura do século XX e XXI na cidade de Coimbra, tendo como função o término da rota proposta no presente projeto.

O Pavilhão Centro de Portugal, inserido no Parque Verde do Mondego, é uma obra dos arquitetos Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto Moura. Esta obra foi realizada para a Exposição Universal que decorreu em Hanôver no ano 2000<sup>200</sup>.

A Exposição Universal que iria decorrer na Alemanha tinha como tema principal “Humanidade, Natureza e Tecnologia – Um Novo Mundo”, e foi este o desafio que 186 países e nove organizações internacionais se propuseram aceitar<sup>201</sup>. A exposição tinha

---

<sup>197</sup> PINTO, Tiago André Baptista de Campos – *Cottinelli Telmo e o projeto da Cidade Universitária de Coimbra*. Lisboa: [s.n.], 2017. Tese de Mestrado. p. 114.

<sup>198</sup> Comunidade Cultura e Arte – *Álvaro Siza Vieira, a construção de uma carreira única*. [consultado 5 julho 2018]. Disponível em

<https://www.comunidadeculturaearte.com/alvaro-siza-vieira-a-construcao-de-uma-carreira-unica/>

<sup>199</sup> Universidade do Porto – *Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto*. [consultado 5 julho 2018]. Disponível em

[https://sigarra.up.pt/up/pt/web\\_base.gera\\_pagina?p\\_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20eduardo%20souto%20de%20moura](https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20eduardo%20souto%20de%20moura)

<sup>200</sup> SILVA, Guilherme Manuel Ferreira Rodrigues da – *A cortiça como material da arquitetura: pavilhões em exposições internacionais*. Lisboa: [s.n.], 1989. Tese de Mestrado. p. 51.

<sup>201</sup> SILVA, Guilherme Manuel Ferreira Rodrigues da – *A cortiça como material da arquitetura: pavilhões em exposições internacionais*. Lisboa: [s.n.], 1989. Tese de Mestrado. p. 52.

como objetivo final, e uma vez que estávamos na entrada para um novo milénio, que tanto os participantes como visitantes refletissem sobre o “Homem como o motor e medida de tudo o que nos rodeia, como inventor de novas formas de ambiente, de tecnologia e de comunicação, em prol de um património comum”<sup>202</sup>. A participação portuguesa, que deu origem ao pavilhão que hoje se encontra na cidade de Coimbra, teve desde o início o objetivo de, para além de dar a conhecer os aspetos culturais, sociais, naturais e paisagísticos, refletir sobre as preocupações ambientais do país, tendo como prioridade o impacto ecológico<sup>203</sup>. A proposta portuguesa “traduz a necessidade de compatibilização entre as actividades humanas e a Natureza, entre a tradição e a modernidade e, simultaneamente evoca a nossa luz e o nosso mar”<sup>204</sup>.

Desde o início que esta obra foi desenvolvida com o objetivo de ser desmontável, para assim fazer parte do território Nacional, sendo que atualmente pertence à Câmara Municipal de Coimbra e é utilizado para exposições, concertos e outras atividades culturais<sup>205</sup>. Uma vez colocado no Parque Verde do Mondego, o pavilhão encontra-se em contacto com a paisagem urbana da cidade e a paisagem natural oferecida pelo parque natural e pelo Rio Mondego<sup>206</sup>.

O pavilhão (fig.21) é detentor de uma forma em “L” e está organizado a partir do Pátio dos Sobreiros, onde se encontra a entrada que dá acesso ao interior do edifício. Está dividido em dois níveis, “assente numa estrutura metálica e protegido por uma tela de fibra de vidro”<sup>207</sup>. O primeiro piso, destinado ao espaço de exposição destaca-se pelo seu volume, pensado para que qualquer obra e trabalho de outros autores pudesse ser exposta neste local, “está coberto por membrana em fibra de vidro que devido à sua característica de ser translúcida, filtra a luz, atribuindo ao espaço uma iluminação controlada e harmoniosa, evitando a necessidade de utilizar iluminação artificial”<sup>208</sup>. O desenho ondulado do teto opõe-se à ortogonalidade do restante objeto, conduzindo o espectador

---

<sup>202</sup> SILVA, Guilherme Manuel Ferreira Rodrigues da – *A cortiça como material da arquitetura: pavilhões em exposições internacionais*. Lisboa: [s.n.], 1989. Tese de Mestrado. p. 53.

<sup>203</sup> SILVA, Guilherme Manuel Ferreira Rodrigues da – *A cortiça como material da arquitetura: pavilhões em exposições internacionais*. Lisboa: [s.n.], 1989. Tese de Mestrado. p. 54.

<sup>204</sup> SILVA, Guilherme Manuel Ferreira Rodrigues da – *A cortiça como material da arquitetura: pavilhões em exposições internacionais*. Lisboa: [s.n.], 1989. Tese de Mestrado. p. 54.

<sup>205</sup> SILVA, Guilherme Manuel Ferreira Rodrigues da – *A cortiça como material da arquitetura: pavilhões em exposições internacionais*. Lisboa: [s.n.], 1989. Tese de Mestrado. p. 54.

<sup>206</sup> SILVA, Guilherme Manuel Ferreira Rodrigues da – *A cortiça como material da arquitetura: pavilhões em exposições internacionais*. Lisboa: [s.n.], 1989. Tese de Mestrado. p. 55.

<sup>207</sup> SILVA, Guilherme Manuel Ferreira Rodrigues da – *A cortiça como material da arquitetura: pavilhões em exposições internacionais*. Lisboa: [s.n.], 1989. Tese de Mestrado. p. 67.

<sup>208</sup> SILVA, Guilherme Manuel Ferreira Rodrigues da – *A cortiça como material da arquitetura: pavilhões em exposições internacionais*. Lisboa: [s.n.], 1989. Tese de Mestrado. p. 67.

para a ideia de ondas do mar<sup>209</sup>. No segundo piso estão sediadas todas as áreas de serviços administrativos, um auditório e a sala VIP, sendo que, alguns destes espaços tem relação com o exterior devido a vãos desenhados propositadamente para permitir a utilização de iluminação natural<sup>210</sup>.

Em relação ao exterior do pavilhão, e começando pelo facto de não ter sido desenhado para ocupar o seu espaço atual, o mesmo resulta de forma natural no Parque Verde do Mondego, quase como se misturando com a paisagem. Esta relação com o meio pode ser justificada pela sua silhueta retangular e curva na cobertura que acaba por criar uma certa dinâmica e associação a um monte ou rochedo, ou mesmo por causa dos materiais utilizados no seu revestimento que acabam por camuflar o edifício e fazer com que ele passe despercebido aos olhos de quem visualiza ao longe a paisagem<sup>211</sup>. O edifício é revestido com três dos materiais mais característicos de Portugal. O mármore e o azulejo preenchem a fachada principal do pavilhão, bem como a cortiça usada tanto na fachada como no restante edifício. A fachada representa a forma como a cortiça e os azulejos se comportam perante a presença da luz, uma vez que a cortiça se torna um ponto de contraste perante o brilho e a luz dos azulejos<sup>212</sup>.

### 3.2. Funcionamento e público(s)

A rota em estudo no presente projeto pode ter três formas diferentes de programação turística, dando assim uma liberdade de escolha ao turista para que ele possa programar as suas atividades mediante o tipo de viagem que está a realizar. Assim sendo, pode estar incorporada em pacotes turísticos ligados a excursões e *tours*, pode integrar visitas guiadas, ou mesmo compor um itinerário pessoal. Os pacotes turísticos “tem como função a comercialização dos serviços turísticos de um destino. A sua característica principal é possibilitar a visita massiva a um destino sem alterar a sua capacidade de carga

---

<sup>209</sup> SILVA, Guilherme Manuel Ferreira Rodrigues da – *A cortiça como material da arquitetura: pavilhões em exposições internacionais*. Lisboa: [s.n.], 1989. Tese de Mestrado. p. 67.

<sup>210</sup> SILVA, Guilherme Manuel Ferreira Rodrigues da – *A cortiça como material da arquitetura: pavilhões em exposições internacionais*. Lisboa: [s.n.], 1989. Tese de Mestrado. p. 67.

<sup>211</sup> SILVA, Guilherme Manuel Ferreira Rodrigues da – *A cortiça como material da arquitetura: pavilhões em exposições internacionais*. Lisboa: [s.n.], 1989. Tese de Mestrado. p. 56.

<sup>212</sup> SILVA, Guilherme Manuel Ferreira Rodrigues da – *A cortiça como material da arquitetura: pavilhões em exposições internacionais*. Lisboa: [s.n.], 1989. Tese de Mestrado. p. 59.



diária”<sup>213</sup>. Por outro lado, as visitas guiadas têm como função “encaminhar o visitante e oferecer-lhe informação previamente selecionada sobre um destino turístico. Existe interação entre o guia e o visitante e entre o visitante e o meio”<sup>214</sup>. Por último, o itinerário pessoal, sendo aquele que se pretende implementar neste projeto, é definido como “um guia de viagem personalizado de forma a orientar o turista e dar-lhe informação de como aproveitar o seu tempo livre”<sup>215</sup>.

Quando o turista opta pela realização de um itinerário pessoal este pode escolher em quanto tempo pretende realizar a rota escolhida, uma vez que lhe é possibilitado escolher os edifícios que pretende visitar mediante o tempo que tem disponível. Desta forma, o turista não é limitado a estar na cidade de Coimbra durante apenas um dia, ou durante um mês. Mesmo que se desloque numa viagem de trabalho, esta rota permite com facilidade que se conheça um pouco mais da cidade, e se descubram novos espaços arquitetónicos, bem como, por exemplo, novos espaços gastronómicos, que se encontram espalhados pela cidade, e que necessitam de ser visitados e dinamizados para continuarem a ter novos clientes e servir a comunidade. É desta forma possível uma dinamização da cidade por completo e não apenas o seu centro, ficando todos os espaços a ganhar pela interação que a cidade vai ter com quem a visita.

O percurso da rota é então definido a partir de uma escolha de dez edifícios que percorrem a cidade, desde a conhecida Praça da República até ao Parque Verde do Mondego, espaço ao ar livre, onde é possível descansar e apreciar a natureza. Tendo como ponto de encontro o fundo das escadas monumentais, é a partir daqui que se inicia a descoberta pela cidade de Coimbra. Ao começar a descer a rua que vai até à Praça da República começa a visualizar o edifício que compõe o espaço da Associação Académica de Coimbra e o Teatro Académico Gil Vicente (Alberto José Pessoa, 1962). Começando a percorrer o declive da Avenida Sá da Bandeira encontramos na esquina com ligação à Rua da Saragoça, a Escola Primária de Santa Cruz (Adães Bermudes, 1910). Continuando a percorrer o espaço e a admirar os edifícios da cidade, eis que depois do mercado municipal chegamos ao Edifício dos Correios (Amílcar Pinto, 1939), atualmente encerrado e sem exercer as suas funções. Pouco depois, e já no final da Avenida Sá da

---

<sup>213</sup> HILÁRIO, Marília Miguel – *Projeto de Criação da “Rota do Granito” no âmbito da Liga dos Amigos de Alpedrinha*. Castelo Branco: [s.n.], 2013. Projeto de Mestrado. p. 32.

<sup>214</sup> HILÁRIO, Marília Miguel – *Projeto de Criação da “Rota do Granito” no âmbito da Liga dos Amigos de Alpedrinha*. Castelo Branco: [s.n.], 2013. Projeto de Mestrado. p. 32.

<sup>215</sup> HILÁRIO, Marília Miguel – *Projeto de Criação da “Rota do Granito” no âmbito da Liga dos Amigos de Alpedrinha*. Castelo Branco: [s.n.], 2013. Projeto de Mestrado. p. 32.

Bandeira e em plena ligação à Rua da Sofia, surge a filial da Caixa Geral de Depósitos (Veloso Reis Camelo, 1954). É altura de percorrer a Baixa, até chegarmos ao Largo da Portagem, local de entrada na cidade e onde se encontram inseridos vários edifícios do século XX que representam a cidade de Coimbra. Podemos começar pela visita exterior à casa do Dr. Ângelo da Fonseca, que já albergou as instalações do Governo Civil de Coimbra e atualmente é um Hostel (Raul Lino, 1928), sendo que é o único edifício que vai obrigar a uma subida um pouco íngreme pela Couraça de Lisboa. Voltando ao Largo da Portagem encontramos em destaque o edifício da Agência do Banco de Portugal (Adães Bermudes, 1912), e já daqui conseguimos visualizar o próximo edifício, que se encontra a escassos metros, na Avenida Emídio Navarro, o Hotel Astória (Francisco Oliveira Ferreira, 1929). Ainda na mesma rua, mas ao fundo, está inserida a Estação Nova, Coimbra – A (Cottinelli Telmo e Luis da Cunha, 1931), sendo o local de chegada e partida de muitas pessoas à cidade. Inicia-se agora um maior contacto com a natureza, e tendo como pano de fundo o Rio Mondego, percorremos o caminho até entrarmos no Parque Dr. Manuel Braga, em direção ao Coreto (Costa Soares, 1904). Estando esta rota a chegar ao fim do seu percurso, e ao último edifício do século XX em estudo, continuamos a percorrer o espaço verde do parque, desta feita, até chegar ao Parque Verde do Mondego, onde se insere o Pavilhão Centro de Portugal (Siza Vieira, 2000), o edifício mais recente, e mesmo não estando esta rota realizada por ordem cronológica, através do percurso definido acabou por ser o último, no qual já se realiza a transição para um novo século.

Para facilitar este percurso será elaborado e disponibilizado um documento eletrónico, que pode ser visualizado e descarregado para smartphones, de forma a que o turista tenha sempre acesso ao mesmo, desde a preparação da viagem até ao final da mesma. Este documento deve estar disponível em pelo menos 3 línguas, português, inglês e francês, de forma a abranger um maior número de visitantes. Caso a rota seja implementada junto com as outras já existentes na cidade, pode também ser elaborado um áudio que ajude o turista durante a visita individual, mas este só estará preparado para a visita completa e com o percurso já previamente definido, tendo um custo complementar. Para os visitantes que não tenham conhecimento desta rota, junto do posto de turismo da cidade podem ainda obter informações sobre a mesma, bem como um mapa de bolso e o documento que está disponível online ou impresso com imagens e a informação dos edifícios. O material de publicitação da rota e de acompanhamento da mesma deve ser elaborado mobilizando o conhecimento da História da Arte e cruzando-

o com as mais-valias do design gráfico e da comunicação, a fim de, de modo eficaz, ser transmitida a informação necessária.

A rota turística em proposta está planeada para durar uma média de uma hora e trinta minutos, podendo este tempo ser alterado mediante a forma como o turista percorre o trajeto, se com uma visita guiada ou no quadro de uma visita individual acompanhada com o guia digital e/ou com o documento impresso previamente fornecido. O principal objetivo desta rota é fomentar a liberdade do turista. De certa forma, não é obrigatório que esta rota seja realizada através de uma visita guiada, sujeita a marcação, ou apenas em datas específicas ao longo do ano, como acontece na atual oferta da Câmara Municipal. O turista tem então liberdade de durante a sua estadia em Coimbra realizar esta rota, tendo ao seu dispor informação suficiente para percorrer o percurso de forma individual e autónoma.

Esta rota tem um trajeto definido (fig.22), mas o mesmo não apresenta uma visita elaborada por ordem cronológica uma vez que não seria viável o turista estar constantemente a deslocar-se de um lugar para o outro para ver os edifícios mediante a data da sua construção. Desta forma foi escolhido um conjunto de edifícios que conta a evolução da arquitetura do século XX entre 1900 e 2000.

Uma vez que foi composta uma seleção de edifícios, a mesma pode ser alterada posteriormente caso exista interesse em renovar a rota ou elaborar mais do que uma alternativa sobre a temática, alargando assim a área a ser visitada, podendo visitar outros espaços da cidade, mesmo que esses fiquem mais distantes do centro.

A cidade de Coimbra precisa de uma nova e moderna oferta turística de forma a atrair mais visitantes, e acima de tudo, que possa ser consultada de forma rápida e eficaz. Para isso precisa de acompanhar a evolução tecnológica e a transformação da promoção turística. Atualmente é através de aplicações, páginas web e das redes sociais que é feita a promoção turística que chega a todo o mundo, e este é um ponto importante no qual é preciso investir. Além do documento online, do qual é possível fazer download, é necessário ter um lugar nas redes sociais, marcando um espaço que seja constantemente atualizado e onde as imagens sejam atrativas e mostrem todos os locais de Coimbra que podem ser visitados, dando destaque aos espaços escolhidos para a elaboração da rota aqui desenvolvida. Sendo atualmente o Instagram uma das redes sociais mais utilizadas e com a função de divulgação do mais variado tipo de imagens, seria então importante a criação de um Instagram da cidade de Coimbra, para que o mesmo possa ser acompanhado e visualizado pelo mundo inteiro. A divulgação desta nova rota deve

também ser promovida junto da Câmara Municipal e do Turismo do Centro, de forma a introduzi-la junto da oferta turística já existente, bem como através de agências de viagens, que ao promover a cidade podem também introduzir alguma informação sobre as rotas turísticas existentes.

Uma rota turística autónoma (que o turista consegue realizar individualmente) não tem custos diretos junto da entidade que a promove (além dos envolvidos aquando da sua elaboração e divulgação), mas dá lucro à cidade. Uma rota autónoma é escolhida por quem pretende gerir o seu tempo, e pode dividi-lo da forma que pretende, podendo assim optar por ficar mais tempo na cidade e fazer o percurso da rota em um ou mais dias, trazendo assim um aumento na economia da cidade, e pode ainda escolher percorrer outras rotas que possam ou não ter visita guiada. Uma estadia mais prolongada exige um maior investimento ao nível de alimentação, deslocações dentro da cidade, escolha de cafés e bares onde se possa integrar nas vivências da própria cidade, tendo assim possibilidade de experienciar novas atividades e conhecimentos.

Esta rota pretende atrair até si públicos de todas as faixas etárias, sem exceções. Pretende dar informação e conhecimento sobre a arquitetura do século XX em Coimbra ao público em geral, “indivíduos com interesses culturais que procuram uma fruição combinada com a exploração de outros atrativos turísticos”<sup>216</sup>, especialistas, “público com interesse específico em património cultural, história, arqueologia, urbanismo, entre outros”<sup>217</sup>; instituições de ensino, “ensino básico, secundário e superior com vista à aquisição e/ou reforço da aprendizagem e à investigação”<sup>218</sup>.

---

<sup>216</sup> MACHADO, Rosário Correia – Rota do Românico do Vale do Sousa – Turismo e Património como projeto de desenvolvimento para o Vale do Sousa. In *14º Congresso da Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional*. Lousada. 2008. p. 1958.

<sup>217</sup> MACHADO, Rosário Correia – Rota do Românico do Vale do Sousa – Turismo e Património como projeto de desenvolvimento para o Vale do Sousa. In *14º Congresso da Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional*. Lousada. 2008. p. 1958.

<sup>218</sup> MACHADO, Rosário Correia – Rota do Românico do Vale do Sousa – Turismo e Património como projeto de desenvolvimento para o Vale do Sousa. In *14º Congresso da Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional*. Lousada. 2008. p. 1958.

## IV. Análise SWOT

Coimbra já engloba na sua oferta turística, tal como anteriormente referido, uma rota de Arquitetura Contemporânea que se concentra no século XX. Embora já exista um percurso estabelecido que abrange o mesmo século, é aqui proposta uma nova rota que pretende dinamizar a cidade e fugir ao “boom” turístico junto da Universidade, bem como apresentada a visualização de um conjunto de edifícios que não fazem parte da oferta turística da Câmara Municipal.

Os turistas deslocam-se por todo o mundo em busca de férias, mas também de novos conhecimentos, estando neste contexto inserido o turismo cultural, como forma de conjugar o ambiente, a cultura local e a história da cidade, conseguindo estabelecer um conjunto de objetivos e ideais procurados pelos turistas que pretendem explorar uma região e cultura.

Atualmente o turismo é considerado uma das, ou talvez, a principal via de engrandecimento das cidades. Concentra em si a capacidade de expandir a oferta de uma cidade, bem como de criar um efeito multiplicador, atraindo cada vez mais visitantes e curiosos. Apesar da atual crise económica existente em vários países, o turismo continua a ser uma atividade em voga e desenvolvimento, podendo ser aproveitado como uma oportunidade de divulgação e crescimento económico de qualquer cidade.

No caso de Coimbra, uma cidade detentora de um vasto património histórico e cultural, considerado como a parte atrativa da cidade, a cidade não necessita que seja feito um elevado investimento financeiro para que a sua divulgação atinja melhores resultados ao nível do crescimento turístico, apenas é necessária a implementação de atividades criativas e inovadoras, de forma a atrair o maior número de visitantes e de prolongar a estadia daqueles que já visitam a cidade por outros motivos. O turismo necessita de um planeamento e gestão eficazes, de forma a que a utilização dos recursos seja a mais racional possível, garantindo a sua preservação atual e para as gerações futuras.

Para explicar melhor as forças e oportunidades que este projeto pode trazer à cidade, bem como as fraquezas e ameaças que o mesmo pode apresentar, é então apresentada a análise SWOT do mesmo. Esta análise pretende refletir sobre qual o impacto positivo e negativo que a rota pode trazer à cidade, bem como perceber onde é fulcral intervir rapidamente, melhorando substancialmente o turismo da cidade, bem como a sua capacidade de resposta ao nível de atividades e captação de novos visitantes.

Esta análise é meramente qualitativa, uma vez que a cidade se encontra em constante alteração e na tentativa de melhorar aspetos já aqui evidenciados.

O património contemporâneo necessita atualmente de maior visibilidade, uma vez que a procura turística ainda se concentra com mais intensidade no património mais antigo, ainda que o contemporâneo já se encontre em fase de expansão e crescimento. É então necessária a criação de atividades que promovam a usufruição crítica do património contemporâneo, e em particular da arquitetura, de forma a que o mesmo seja mais bem compreendido e valorizado pelo público português e estrangeiro.

A rota de Arquitetura do século XX para a cidade de Coimbra, apresentada neste projeto, pode ser vista como um conceito inovador, mesmo que a sua temática já tenha sido iniciada pela Câmara Municipal. A escolha dos seus edifícios de forma a percorrer espaços menos visitados da cidade, bem como a incorporação de espaços verdes onde a implementação de edifícios no meio da natureza é notória, faz com que a rota se torne atrativa ao público coimbricense, assim como para quem visita a cidade.

Coimbra possui um numeroso espólio histórico e cultural a céu aberto, onde a arquitetura do século XX não passa despercebida aos olhos dos mais atentos. A cidade encontra-se geograficamente localizada na região centro de Portugal, sendo detentora de um conjunto diversificado de recursos turísticos com potencial para um significativo crescimento e desenvolvimento. Coimbra fica localizada entre Porto e Lisboa, as cidades mais visitadas do país e as mais divulgadas, podendo ser esta situação geográfica usada de forma positiva, uma vez que a ligação entre as grandes cidades pode passar pela visita à cidade e trazer até si um maior número de pessoas. Os acessos rodoviários disponíveis para a deslocação humana até à cidade encontram-se desenvolvidos, o que proporciona uma rápida viagem dos turistas até à mesma, bem como se torna um ponto de paragem daqueles que se deslocam entre as diversas cidades e que acabam por visitar Coimbra por algumas horas ou mesmo pernoitar. Além disso, Coimbra representa um dos pontos fulcrais para a pretendida dinamização turística da região centro do país, podendo a visita à mesma ser parte integrante e mobilizadora de um percurso por esta região.

Detentora de um clima mediterrâneo, Coimbra tem ainda para oferecer diversas paisagens, para além de todo o património histórico que tem preservado ao longo dos séculos. Estando incorporada na cidade a Universidade mais antiga de Portugal, a vida estudantil e académica é também um ponto forte e de destaque da cidade, uma vez que os turistas demonstram muita curiosidade pelas faculdades, bem como pelos trajes académicos que os estudantes envergam, e todas as suas festividades.

A rota de arquitetura apresentada anteriormente apenas é para uma realização exterior, não permitindo o contacto com o interior dos edifícios, mas acaba por permitir a ligação do público com o ambiente envolvente ao longo da cidade, e a interação com espaços verdes de lazer, como é o caso do Parque Dr. Manuel Braga. Do centro da cidade, e de um ambiente citadino e da azafama da cidade no seu dia-a-dia, a rota vai transportando o turista até um espaço calmo, onde é possível aproveitar o meio ambiente e o espaço se torna convidativo a momentos de descanso junto de edifícios do século XX a serem apreciados. O constante movimento e descoberta ao longo do percurso faz com que os turistas acompanhados por gerações mais jovens os consigam cativar, uma vez que não é a repetição de uma experiência cultural num espaço fechado.

Embora Coimbra detenha uma enorme diversidade de património arquitetónico histórico, apenas é quase exclusivamente a Alta Universitária que concentra as atenções e esforços de divulgação turística, ficando a restante cidade por sua conta e risco no que diz respeito a divulgação e inovação. O facto de a cidade não ser dinamizada na sua totalidade leva ao encerramento de estabelecimentos públicos, resultando no despovoamento das ruas, algumas das quais foram importantes aquando da criação da cidade, como é o caso de algumas das ruas que tem ligação à Baixa da cidade.

Apesar da existência de atividades paralelas ao turismo em Coimbra, as mesmas têm uma fraca divulgação, não chegando na sua totalidade ao conhecimento dos visitantes. Estas atividades devem acontecer periodicamente e não apenas com afluência durante os meses de verão, uma vez que durante a época baixa a cidade se torna mais deserta e com poucos espaços de lazer onde aconteçam atividades diferentes, apropriadas às condições meteorológicas. A cidade perde ainda pelo facto de os postos de turismo disponíveis não estarem devidamente sinalizados, não sendo de rápido acesso, apesar da sua boa localização, uma vez que não existe também sinalética indicativa e informativa suficiente sobre os locais a visitar. Ao nível dos transportes urbanos, e sendo Coimbra uma cidade com elevada afluência turística durante o verão, os mesmos tornam-se escassos por estarem intrinsecamente organizados de acordo com as férias escolares, o que torna a mobilidade de pessoas, em particular as mais idosas, complicada e limitada. O número de transportes disponibilizados durante o verão deve então ser repensado mediante as necessidades da cidade.

A estagnação da cidade pode surgir através da falta de novas ofertas turísticas, tais como novas rotas e espaços turísticos, uma vez que o turista não voltará uma segunda vez

à cidade, nem tentará alterar a sua viagem e permanecer por mais um ou dois dias, bem como não irá sugerir a cidade como destino de férias para familiares e amigos.

Atualmente o turismo vive também da troca de informações entre as pessoas que visitam as cidades, e com a pouca oferta turística programada e divulgada para os visitantes torna-se difícil o seu crescimento, uma vez que é possível em cerca três ou quatro horas visitar a cidade e realizar o circuito turístico oferecido pela Universidade, o mais divulgado, e assim prosseguir viagem.

O facto de edifícios como os que constituem o complexo universitário na Alta serem constantemente visitados pode levar à sua degradação contínua e cada vez mais rápida, o que poderá causar o afastamento do turismo da cidade, podendo neste momento ser aproveitados outros edifícios para novas ofertas a quem a visita, de forma a deixar de existir uma procura excessiva e potencialmente perigosa do mesmo espaço. Por sua vez, edifícios que se encontram encerrados ao público, como poderá ser o caso do Edifício dos CTT, enunciado na presente rota, podem entrar em degradação e não ser aproveitados para usufruto da cidade. Como outro exemplo de um edifício encerrado ao público e que foi muito apelativo durante o ano de 2017/2018 cite-se o Convento da Rainha Santa Isabel, espaço de grandes dimensões, encerrado há anos e que nos últimos tempos foi bastante visitado devido à Bienal de Arquitetura “Ano Zero” e a uma visita guiada promovida pelas entidades organizadoras do espaço.

De certa forma, a cidade necessita de ser mais criativa e dinâmica na sua oferta turística, de modo a tornar-se mais competitiva em relação às outras cidades, incorrendo no risco de estagnação, devido a não fazer face à oferta turística das cidades mais visitadas do país, como é o caso do Porto e Lisboa.

Com o crescimento turístico dos últimos anos é altura de Coimbra aproveitar algumas das vantagens que o mesmo traz para dinamizar a cidade. Assim sendo, nos últimos anos as companhias aéreas têm realizado viagens *low-cost* que permitem a realização de viagens rápidas, de fins-de-semana ou mesmo de umas curtas férias, a vários países, e apesar da cidade não possuir aeroporto, é importante a divulgação da oferta turística junto das agências de viagens, bem como dos aeroportos, através da promoção da atividade turística da cidade, para que a mesma possa usufruir desta nova tendência de viagens curtas, mas que podem abranger várias cidades, aproveitando assim a sua boa localização geográfica e as boas condições dos meios de transporte.

A população portuguesa emigrada também é cada vez maior, o que faz com que cada vez que voltam ao seu país para férias acabem por visitar as várias cidades do mesmo



juntamente com os familiares. É neste intuito que também devem ser divulgadas as ofertas da cidade, mesmo que sejam rotas individuais, mas a informação tem que ser divulgada de forma a chegar ao consumidor.

Para que a oferta turística existente chegue ao consumidor é atualmente necessário um investimento em divulgação nas redes sociais, um atual meio de comunicação, como o Facebook ou Instragram é um ponto de partida para divulgar por todo o mundo os diversos espaços da cidade a serem visitados, uma vez que os utilizadores vêm a informação e partilham com todos os “amigos virtuais”. Através de uma fotografia é fácil cativar a população a procurar mais sobre a cidade e os pontos que a constituem. Diversas entidades como o Turismo do Centro e a Câmara Municipal devem promover a oferta turística da cidade, e atualizá-la ao longo do ano. Por outro lado, os meios de comunicação existentes da própria cidade, como o Diário de Coimbra ou a rádio da Associação Académica, devem divulgar com antecedência junto da população conimbricense a agenda cultural da cidade, bem como as rotas existentes para todo o público, dando assim um maior conhecimento à população local de tudo o que se passa a nível cultural ao seu redor. Esta rota deve estar disponível ao longo do ano e com datas definidas, tal como atualmente as visitas da Câmara Municipal, para visita guiada, com uma divulgação atempada, através de cartazes ou publicações nas redes sociais, cativando assim a população, bem como estar disponível para marcações de visitas de grupo que precisam de ser acompanhadas por um guia ou intérprete. É também importante a divulgação de atividades paralelas à oferta turística tanto na época baixa como na época alta, de forma a cativar os visitantes a passar mais dias na cidade.

Sendo o turismo cultural uma das alternativas mais apelativas atualmente para a substituição do turismo ligado ao sol e ao mar, este pode ser uma oportunidade para Coimbra se destacar. A cidade encontra-se distante do mar, mas consegue fornecer ao turista novas experiências a nível de conhecimento histórico e cultural, sendo ainda detentora de espaços ambientais incorporados na cidade, como é o caso do Parque Verde e o Choupal, ou ainda mais concentrados no centro da cidade, o Jardim Botânico e o Jardim da Sereia.

No decorrer deste ano, 2018, Coimbra acolheu os Jogos Europeus Universitários, o que pode demonstrar que as competições desportivas trazem à cidade população de diferentes faixas etárias, que acabam por procurar quais os locais de maior interesse histórico existentes na cidade e realizarem diversas visitas. Desta forma é incutido o

turismo jovem, e se mais oferta turística a cidade tiver, e se for de fácil acesso, mais visitada e descoberta será.

Atualmente é também importante referir o turismo residencial, uma vez que cada vez mais se percebe que as casas mais antigas da cidade estão a ser recuperadas para dar lugar a casas individuais que podem ser alugadas por alguns dias diretamente com os proprietários, nomeadamente no Airbnb, ou novos *hostels* implementados na zona histórica da cidade de forma a cativar os visitantes para a sua escolha.

A separação entre o turismo da Alta Universitária e a restante cidade é notória. Seria também importante existir um acordo entre ambas, e uma vez que a cidade tem outras ofertas turísticas a explorar seria importante que a Universidade divulgasse essas mesmas atividades, sendo que durante a época alta a Universidade não consegue dar resposta a toda a procura diária, ficando pessoas sem alternativa a outro conhecimento, pois as visitas à Universidade são contabilizadas e muitas das vezes a meio da tarde já não se encontram disponíveis bilhetes para a entrada na Biblioteca Joanina.

Coimbra, além do seu património mais antigo, reunido com grande densidade (embora não exclusivamente) na Alta Universitária, concentra em si ao longo de toda a cidade espaços e edifícios contemporâneos que diariamente são desvalorizados e pouco procurados. Atualmente, a população estrangeira que visita a cidade procura apenas atividades e visitas guiadas relacionadas com a Universidade, ficando a restante cidade renegada para um plano secundário. A falta de planificação e criação de novas ofertas turísticas com temáticas mais recentes e inovadoras faz com que o marketing da cidade se centre apenas num ponto principal, deixando que os outros espaços fiquem esquecidos, o que, por seu turno, não possibilita um maior dinamismo da economia e do comércio locais.

O circuito turístico da Universidade de Coimbra recebe diariamente dezenas de grupos para uma visita em tempo limitado na cidade. Além de todos os grupos, também os turistas que se encontram em Portugal com uma viagem individual rumam todos os dias até Coimbra para uma visita rápida à Universidade, uma vez que não ficam alojados na cidade. Diariamente passam pela Alta Universitária mais de 1500 pessoas para conhecer o circuito turístico da Universidade, mas que nada mais ficam a conhecer da cidade<sup>219</sup>. Esta realidade acontece devido à falta de divulgação da restante cidade, bem como pela escassa divulgação de atividades, restaurantes e festividades que são realizadas

---

<sup>219</sup> *Controlo Diário*. Coimbra. 2018. Documento interno do Turismo da Universidade de Coimbra fornecido pela Dr. Mercedes.

durante todo o ano. Frequentemente, os turistas recorrem à população estudantil para perguntas sobre onde encontrar determinado edifício da cidade, ou o melhor ponto gastronómico, uma vez que durante a planificação da sua viagem pouco encontraram além de informações sobre a universidade. É então numa nova logística de divulgação da cidade e das atividades que a mesma oferece, e possa vir a oferecer, que urge realizar um investimento, de forma a que toda a cidade possa ganhar uma nova vida e a que mais espaços de educação e lazer possam ser criados.

A divulgação dos eventos da cidade de Coimbra muitas das vezes não chega à população residente, e muito menos aos turistas. Um dos exemplos mais recentes de boa divulgação de um evento na cidade de Coimbra foi o do passado dia 19 de Maio, intitulado “À noite no Convento – o património partilhado entre a Regra e a Parada”. Tratou-se de uma visita noturna ao Convento de Santa Clara-a-Nova no âmbito da Noite Europeia dos Museus, que juntava uma visita à área religiosa, mas também à antiga área militar. A divulgação deste evento realizou-se através de cartazes espalhados pela cidade, quer por meios digitais, com uma vasta divulgação online. Foi de tal forma partilhado, que a organização esperava cerca de 200 a 300 pessoas no evento, e nessa noite concentraram-se mais de 1000 pessoas no Convento. Neste vasto número de visitantes era possível encontrar habitantes de Coimbra, visitantes de cidades vizinhas, e ainda estrangeiros das mais diversas nacionalidades, entre as quais, brasileiros, franceses, ingleses e espanhóis, que, tendo vindo a Coimbra passar 2 dias como forma de visitarem a cidade e mais especificamente a Universidade, tiveram conhecimento do evento e decidiram participar.

A implementação desta rota de arquitetura do século XX em Coimbra pode ser um primeiro passo para a criação de outras rotas que abranjam ou não a mesma temática, mas que sejam criativas e inovadoras de forma a percorrer outros espaços escondidos da cidade, podendo estas também ser alternativas ao “boom” turístico da Alta. A existência de novas ofertas, bem como de atividades paralelas bem divulgadas, atrai tanto turistas como a população conimbricense a percorrer diversas ruas da cidade, bem como ajuda ao aumento económico de Coimbra. Ao criar novas propostas e ao percorrer toda a cidade, está a utilizar-se uma matéria-prima desde sempre existente e em constante expansão, a cidade de Coimbra, para aumentar o número de visitantes, bem como a aproveitar a oportunidade de crescer economicamente e talvez desta forma criar novos postos de emprego para tentar reduzir a taxa de desemprego existente no país e em particular na zona centro. Atualmente os turistas viajam pelo mundo e detêm uma bagagem cultural mais enriquecida, o que faz com que sejam mais exigentes e detenham mais expectativas

sobre os espaços que pretendem visitar. Ao longo da sua viagem o turista procura novos conhecimentos e uma experiência intensa a cada espaço visitado. É neste ponto importante referir que além da divulgação é necessária a criação de um conjunto de informação que deve estar disponível para o turista, e que seja de fácil compreensão, e que esta não se encontre apenas presente nos espaços em específico, mas que possa estar resumidamente incorporada em mapas ou flyers.

A utilização de espaços pouco visitados ou mesmo esquecidos durante a cidade pode ajudar a que vários edifícios sejam requalificados e possíveis de visitar ao fim de vários anos encerrados. Instituições da cidade devem intervir na necessidade de criar espaços atuais onde possa ser exposto espólio da cidade, bem como das entidades em questão. Entre diversas instituições podem estar incluídas a Casa Museu Bissaya Barreto, o Arquivo Municipal, o Arquivo da Universidade de Coimbra, a Câmara Municipal, o Centro de Artes Visuais, o Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, o Centro de Documentação 25 de Abril, entre outras. Desta forma, podem existir parcerias e projetos entre as diversas entidades que promovam a cidade bem como as suas próprias instalações, podem propor exposições nos espaços mais improváveis com diversas temáticas, mas que promovam a criatividade e a interação de todas as faixas etárias.

## Conclusão

Ao longo do presente projeto foi analisada a situação da oferta turística da região centro, mais concretamente da cidade de Coimbra, e as conclusões que se podem retirar sobre mesma. Primeiramente, após a análise da oferta já existente na cidade, é possível afirmar que esta apresenta debilidades, pois só transmite ao turista a existência de uma parte importante e de destaque da cidade, a Alta Universitária, sendo possível a perceção de uma falta de interesse na divulgação do espaço que a rodeia.

Após a análise da oferta turística de outras cidades do país que promovem rotas com a mesma temática, bem como da divulgação que promovem sobre elas e do nível de facilidade no acesso à informação sobre as mesmas, verifica-se, comparando com Coimbra, que existe uma lacuna na forma como é feita a divulgação da cidade. Torna-se difícil aceder a informação que não esteja relacionada com a universidade, tanto através da internet como nos postos de turismo existentes. É ainda de destacar a limitação causada pela Câmara Municipal de Coimbra em relação à restrição das visitas guiadas de diversas temáticas a dias em específico ao longo do ano com um local e hora marcada e que necessitam de marcação prévia, uma vez que apenas são divulgadas na agenda cultural da cidade e com pouca antecedência na página online da Câmara.

Neste projeto apresentou-se, de forma fundamentada, uma nova rota de arquitetura do século XX para a cidade de Coimbra. Para a sua implementação, seria importante, no seguimento deste trabalho, conceber, idealmente num contexto de uma equipa interdisciplinar que congregue os conhecimentos da história da arte e da comunicação visual o material de apoio que a deve acompanhar e ser fornecido nos diversos locais já indicados. Além disso, não esgotando o presente projeto a temática em apreço, seria ainda interessante testar uma rota dentro da mesma temática, mas que alargasse horizontes e que percorresse outros espaços mais longínquos da cidade, sempre na tentativa de utilizar o declive da cidade como um ponto positivo, iniciando a visita no ponto mais alto e ir descendo as ruas durante o percurso de forma a tornar a rota de fácil percurso. A realização de estudos comparativos com outras cidades da Europa, ou com o resto do mundo, pode constituir, também, um tópico interessante de estudo para perceber onde pode haver inovação e criação de novas atividades que possam enriquecer a cidade e o seu património.

Concentrando-se no caso específico de Coimbra, cumpre salientar a importância de desenvolver novos projetos em áreas que permanecem por explorar ou por melhorar a divulgação da sua existência. A título de exemplo, enumeram-se algumas. A nível gastronómico devem ser criadas rotas que incluam restaurantes no centro da cidade, bem como na sua periferia, ou que incluam espaços que se encontram junto das principais estradas da cidade. Em relação a aspetos relacionados com a cidade e as suas tradições populares, podem ser ainda realizadas atividades onde sejam lembradas as tricanas e as lavadeiras do Mondego. Por último, também a arte contemporânea pode ser uma temática a abordar através de uma nova rota turística, bem como a arquitetura paisagística ao nível da divulgação dos espaços verdes da cidade, como é o caso do Jardim Botânico, o Jardim da Sereia e o Choupal, espaços que ao serem divulgados podem ver melhoradas as suas condições.

Durante a realização do projeto utilizei a minha formação mais teórica adquirida durante a licenciatura em História da Arte, bem como no primeiro ano do mestrado em Arte e Património, de forma a transferir os conhecimentos adquiridos para a parte prática do projeto, através da investigação e descrição dos edifícios, bem como da pesquisa e leitura bibliográfica, em paralelo com o confronto de edifícios *in situ* e da realização do percurso proposto a pé, avaliando e ponderando hipóteses e alternativas.

O desenvolvimento deste projeto revela-se importante para mim na medida em que tenta implementar uma rota turística que se debruce sobre uma temática mais recente e diferente na cidade, onde se dá ênfase à arquitetura e às suas mudanças ao longo do século XX, bem como características diferentes utilizadas pelos diversos arquitetos do referido século.

As dificuldades sentidas ao longo da realização deste projeto verificam-se, sobretudo, no inicial acesso a bibliografia sobre turismo, a qual era fulcral para adquirir os conhecimentos necessários para os primeiros capítulos. É ainda de referenciar a dificuldade em encontrar informação sobre quais os edifícios que constituem as rotas já fornecidas pela Câmara Municipal de Coimbra, bem como contactar com a mesma para obter as informações, existindo ainda poucos estudos comparativos a nível nacional sobre as diversas ofertas turísticas existentes nas cidades de Portugal.

Concluindo, é possível demonstrar através deste projeto que a cidade de Coimbra apresenta uma diversidade e riqueza arquitetónica capaz de mobilizar uma oferta turística mais ampla e criativa, atraindo novos públicos. Longe de se fixar na utilização da Alta Universitária como único ponto de interesse turístico da cidade, a rota de arquitetura do

século XX tem potencial para levar o turista a uma visita por ruas que compõem os principais trajetos da cidade, onde pode ser autónomo e realizar o trajeto sozinho de forma a descobrir no seu ritmo a cidade.

## Bibliografia

ALVES, Rui Manuel Vaz – *Arquitetura, Cidade e Caminho de Ferro: As transformações urbanas planeadas sob a influência do caminho de ferro*. Coimbra: [s.n.], 2015. Tese de Doutoramento.

ANACLETO, Regina – O Coreto do Parque Dr. Manuel Braga em Coimbra. *Mundo da Arte*. Coimbra: Imprensa de Coimbra. n.º14 (1983), p. 17-30.

BANDEIRINHA, José António Oliveira – Conservação do Património: Edifícios Modernos As instalações Académicas de Coimbra, um caso de estudo. *Construção Magazine*. Porto. n.º66 (2015), p. 20-25.

BANDEIRINHA, José António Oliveira – Os Edifícios da Associação Académica e o Teatro Gil Vicente. *Monumentos*. Lisboa. ISSN 0872-8747. n.º 8 (1998), p. 83-87.

BARROS, Vera Gouveia – *Turismo em Portugal*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos e Vera Gouveia Barros, 2015.

Boletim Mensal de Estatística. *Novembro 2017*. Lisboa. ISSN 0032 – 5082. p. 1-110

BORGES, Nelson Correia – *Coimbra e Região*. Lisboa: Presença, 1987.

BRITES, Joana – *Arquitectura da CGDCP: Filiais e Agências da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência (1929-1970)*. Lisboa: Prosafeita, 2014.

BRITES, Joana – *O Capital da Arquitectura: Estado Novo, Arquitectos e Caixa Geral de Depósitos (1929-1970)*. Lisboa: Prosafeita, 2014.

CARVALHO, Paulo – *Património e Território: dos Lugares às Redes*. Coimbra: Centro de Estudos Geográficos.



CRAVEIRO, Lurdes – Raul Lino em Coimbra. *Mundo da Arte*. Coimbra: Imprensa Coimbra. nº14 (1983), p. 31-44.

DAMÁSIO, Diogo Filipe Monteiro – *Arquitetura do Banco de Portugal: Evolução dos projetos para a sede, filial e agências do Banco de Portugal (1846-1955)*. Coimbra: [s.n.], 2013. Tese de Mestrado.

Decreto-Lei nº 107/2001. D.R.I Série-A. 209(2001-09-08) 5808-5829.

DIAS, Isabel Nunes – *Turismo Cultural e Religioso no Distrito de Coimbra: Mosteiros e Conventos: viagem entre o sagrado e o profano*. Coimbra: [s.n.], 2010. Tese de Mestrado.

DIAS, Luís António de Aguiar – *Pelas casas dos “Brasileiros”, um roteiro com história*. Braga: [s.n.], 2015. Trabalho de Projeto.

*Dicionário de História da I República e do Republicanismo Volume III: N-Z*. Lisboa: Assembleia da República, 2014. ISBN 978-972-556-559-9.

*Controlo Diário*. Coimbra. 2018. Documento interno do Turismo da Universidade de Coimbra fornecido pela Dr. Mercedes.

FERNANDES, João Luís Jesus, CARVALHO, Paulo – *Património, Memória e Identidade: Repensar o Desenvolvimento*. In CAETANO, Lucília – *Território, Ambiente e Trajectórias de Desenvolvimento*. Coimbra: Centro de Estudos Geográficos, 2003.

FERNANDES, José Manuel – Duas obras do início do século XX na entrada de Coimbra: do Hotel Astória à Casa Ângelo da Fonseca. *Monumentos: revista semestral de edifícios e monumentos*. Lisboa. ISSN 0872-8747. nº 25(2006), p. 164-169.

GOMES, Carina Sousa – A Construção social de um destino turístico: Coimbra, cidade e imaginário. In *VI Congresso Português de Sociologia Mundos Sociais: Saberes e Práticas*. Lisboa, 2008. 11p.

GOMES, Carina Sousa – Revista Crítica de Ciências Sociais. *Imagens e narrativas da Coimbra turística: Entre a cidade real e a cidade (re)imaginada*. Coimbra. (2008). p. 55-78.

GONÇALVES, Leonardo – *Rotas e Roteiros: desafios para uma nova conceituação*. Brasil: [s.n.], 2016. Tese de Mestrado.

HILÁRIO, Marília Miguel – *Projeto de Criação da “Rota do Granito” no âmbito da Liga dos Amigos de Alpedrinha*. Castelo Branco: [s.n.], 2013. Projeto de Mestrado.

MACHADO, Rosário Correia – Rota do Românico do Vale do Sousa – Turismo e Património como projeto de desenvolvimento para o Vale do Sousa. In *14º Congresso da Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional*. Lousada. 2008. 15p.

MAIA, Sara Vidal – *Rotas Museológicas na Região de Aveiro – um Estudo Empírico*. Aveiro: [s.n.], 2010. Tese de Mestrado.

MARTINS, João Paulo do Rosário – *Cottinelli Telmo/ 1897-1948 a obra do arquiteto*. Lisboa: [s.n.], 1995. Dissertação de Mestrado.

MATOS, Ana Cardoso de, SANTOS, Maria Luísa - Os Guias de Turismo e a Emergência do Turismo Contemporâneo em Portugal (dos Finais do Século XIX às Primeiras Décadas do Século XX). *Scripta Nova*. Barcelona. ISSN 1138-9788. Vol. VIII, n.º167(2004).

MENDES, José Maria Amado – Coimbra no Primeiro Quartel do Século XX. *Biblos*. Coimbra. Vol. LX, (1984). p. 385-394.

MOREIRA, Carla – O entendimento do Património no contexto local. *Oppidum*. nº1 (2006), p. 127-140.

NOGUEIRA, Isabel – Coimbra: alguns aspectos da evolução da cidade do início do século XX aos nossos dias. *Biblos*. Coimbra. Vol. IV (2006), p. 255-297.

NORAS, José Raimundo – *Amílcar Pinto: um Arquitecto Português do século XX*. Coimbra: [s.n.], 2011. Tese de Mestrado.

PARREIRA, Inês Catarina Arromba da Silva – *O Vale de Santa Cruz de Coimbra: análise e reconstituição*. Coimbra: [s.n.], 2015. Tese de Mestrado.

PERALTA, Elsa, ANICO, Marta - “Introdução”, em *Patrimónios e identidades: ficções contemporâneas*, Oeiras: Celta Editora, 2006.

PEREIRA, Paulo Alexandre Alves Barroso Manta – *Raul Lino – Arquitetura e Paisagem (1900-1948)*. Lisboa: [s.n.], 2012. Tese de Doutoramento.

PEREIRA, Paulo – *História da Arte Portuguesa*. Edição nº 4127. Lisboa: Temas e Debates, 1995.

PIMENTA, Paulo Sérgio Pereira – *A Escola Portuguesa: Do “Plano dos Centenários” À Construção da Rede Escolar no Distrito de Vila Real*. Braga: [s.n.], 2006. Tese de Mestrado.

PINTO, Tiago André Baptista de Campos – *Cottinelli Telmo e o projeto da Cidade Universitária de Coimbra*. Lisboa: [s.n.], 2017. Tese de Mestrado.

ROSMANINHO, Nuno – *O Poder da Arte: o Estado Novo e a cidade universitária de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2006. ISBN 9728704550.

SILVA, Ana Paula Amaral Simões da – *Rotas Turístico-Culturais em Ílhavo*. Aveiro: [s.n.], 2011. Relatório de Projeto.

SILVA, Guilherme Manuel Ferreira Rodrigues da – *A cortiça como material da arquitetura: pavilhões em exposições internacionais*. Lisboa: [s.n.], 1989. Tese de Mestrado.

SOUSA, Manuel Jorge Nunes de – *Património e turismo: desafios de uma microempresa de turismo recetor*. Porto: [s.n.], 2016. Tese de Mestrado.

TOSTÕES, Ana Cristina – *Arquitectura Portuguesa do século XX*. In PEREIRA, Paulo – *História da Arte Portuguesa*. Edição nº 4127. Lisboa: Temas e Debates, 1995.

VIEIRA, João Martins – *O Turismo em Portugal: Situação Atual e Caminhos de Futuro*. *Lusíada. Economia e Empresa*. Lisboa. nº7 (2007). p. 11-36.

## Webgrafia

Câmara Municipal de Esposende. [consultado 10 dezembro 2017]. Disponível em [http://www.municipio.esposende.pt/frontoffice/pages/703?news\\_id=3690](http://www.municipio.esposende.pt/frontoffice/pages/703?news_id=3690)

Câmara Municipal de Ílhavo. [consultado 08 janeiro 2018]. Disponível em <http://www.cm-ilhavo.pt/pages/1800>

Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão. [consultado 08 janeiro 2018]. Disponível em [http://www.cm-vnfamalicao.pt/\\_roteiro\\_pela\\_arquitetura\\_moderna\\_lancado\\_no\\_concelho](http://www.cm-vnfamalicao.pt/_roteiro_pela_arquitetura_moderna_lancado_no_concelho)

Comunidade Cultura e Arte – *Álvaro Siza Vieira, a construção de uma carreira única*. [consultado 5 julho 2018]. Disponível em <https://www.comunidadeculturaearte.com/alvaro-siza-vieira-a-construcao-de-uma-carreira-unica/>

Diário de Coimbra. *Palacete do Governo Civil foi casa de Ângelo da Fonseca*. Coimbra. (2013). [consultado 15 abril 2018].

Direção Regional de Cultura do Norte – *Património Cultural*. Vila Real. [consultado 1 fevereiro 2018]. Disponível em <http://www.culturanorte.pt/pt/areas-de-intervencao/patrimonio-cultural/>

GALA, Maria João – Diário de Notícias. *Turismo no Centro bateu recordes em 2016*. Lisboa. (2017) [consultado 11 dezembro 2017]. Disponível em <https://www.dn.pt/dinheiro/interior/turismo-no-centro-bateu-recordes-em-2016-5672751.html>

Instituto Nacional de Estatística. Número de dormidas em estabelecimento de alojamento. [consultado 10 dezembro 2017]. Disponível em [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine\\_main&xpid=INE&xlang=pt](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine_main&xpid=INE&xlang=pt)

Notícias de Coimbra. *Câmara oferece visita à Cidade Universitária do Estado Novo*. Coimbra. (2017). [consultado 08 janeiro 2018]. Disponível em <https://www.noticiasdecoimbra.pt/camara-oferece-visita-cidade-universitaria-do-estado-novo/>

Notícias de Coimbra. *Quer visitar a “Arquitectura Contemporânea” de Coimbra*. Coimbra. (2016). [consultado 08 janeiro 2018]. Disponível em <https://www.noticiasdecoimbra.pt/quer-visitar-arquitectura-contemporanea-coimbra/>

SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. Lisboa. [consultado 5 julho 2018]. Disponível em [http://www.monumentos.gov.pt/site/app\\_pagesuser/SIPA.aspx?id=20931](http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=20931)

Turismo de Portugal Centro. [consultado 08 janeiro 2018]. Disponível em <http://www.centerofportugal.com/pt/rota-da-arte-nova-aveiro/>

Universidade do Porto – *Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto*. [consultado 5 julho 2018]. Disponível em [https://sigarra.up.pt/up/pt/web\\_base.gera\\_pagina?p\\_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20eduardo%20souto%20de%20moura](https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20eduardo%20souto%20de%20moura)

## Anexos



*Fig. 1 - Coreto Parque Dr. Manuel Braga (Coimbra). Manuel José da Costa Soares, 1904. (Fotografia de Autor).*



*Fig. 2 - Coreto Parque Dr. Manuel Braga (Coimbra). Manuel José da Costa Soares, 1904. (Fotografia de Autor).*



*Fig. 3 - Escola Primária de Santa Cruz (Coimbra). Arquiteto Adães Bermudes, 1910. (Fotografia de Autor).*



*Fig. 4 - Escola Primária de Santa Cruz (Coimbra). Arquiteto Adães Bermudes, 1910. (Fotografia de Autor).*





*Fig. 5 - Banco de Portugal (Coimbra). Arquiteto Adães Bermudes, 1912. (Fotografia de Autor).*



*Fig. 6 - Banco de Portugal (Coimbra). Arquiteto Adães Bermudes, 1912. (Fotografia de Autor).*



*Fig. 7 - Casa Dr. Ângelo da Fonseca (Coimbra). Arquiteto Raul Lino, 1928. (Fotografia de Autor).*



*Fig. 8 - Hotel Astória (Coimbra). Arquiteto Francisco Oliveira Ferreira, 1929. (Fotografia de Autor).*



*Fig. 9 - Hotel Astória (Coimbra). Arquiteto Francisco Oliveira Ferreira, 1929. (Fotografia de Autor).*



*Fig. 10 - Estação Nova, Coimbra – A (Coimbra). Arquitetos Cottinelli Telmo e Luís da Cunha, 1931. (Fotografia de Autor).*



*Fig. 11 - Estação Nova, Coimbra – A (Coimbra). Arquitetos Cottinelli Telmo e Luís da Cunha, 1931. (Fotografia de Autor).*



*Fig. 12 - Edifício dos Correios (Coimbra). Arquiteto Amílcar Pinto, 1939. (Fotografia de Autor).*



Fig. 13 - Caixa Geral de Depósitos (Coimbra). Arquiteto Veloso Reis Camelo, 1954. (Fotografia de Autor).



Fig. 14 - Associação Académica de Coimbra (Coimbra). Arquiteto Alberto José Pessoa, 1962. (Fotografia de Autor).



*Fig. 15 - Associação Académica de Coimbra (Coimbra). Arquiteto Alberto José Pessoa, 1962. (Fotografia de Autor).*



*Fig. 16 - Associação Académica de Coimbra (Coimbra). Arquiteto Alberto José Pessoa, 1962. (Fotografia de Autor).*



*Fig. 17 - Associação Académica de Coimbra (Coimbra). Arquiteto Alberto José Pessoa, 1962. (Fotografia de Autor).*



*Fig. 18 - Associação Académica de Coimbra (Coimbra). Arquiteto Alberto José Pessoa, 1962. (Fotografia de Autor).*





*Fig. 19 - Associação Académica de Coimbra (Coimbra). Arquiteto Alberto José Pessoa, 1962. (Fotografia de Autor).*



*Fig. 20 - Pavilhão de Portugal (Coimbra). Arquitetos Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto Moura, 2000. (Fotografia de Autor).*



*Fig. 21 - Pavilhão de Portugal (Coimbra). Arquitetos Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto Moura, 2000. (Fotografia de Autor).*

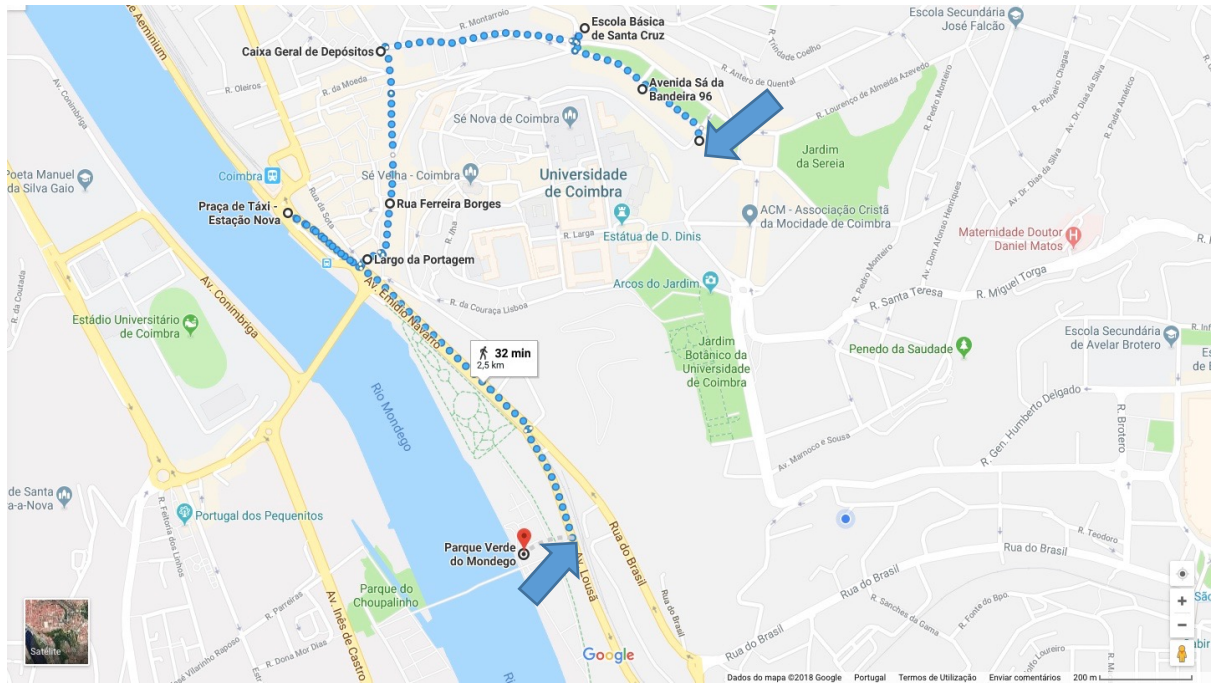


Fig. 22 Mapa do percurso da Rota. (imagem do Google Maps.)

